



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II/ALAGOINHAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL

LINHA MARGENS DA LITERATURA

ELISABETH SILVA DE ALMEIDA AMORIM

DESMONTAGEM DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA

Modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder

ALAGOINHAS

2014

ELISABETH SILVA DE ALMEIDA AMORIM

DESMONTAGEM DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA

Modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, como um dos requisitos para obtenção do grau de mestra em Crítica Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos

ALAGOINHAS

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

A524d Amorim, Elisabeth Silva de Almeida.

Desmontagem da literatura em educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. / Elisabeth Silva de Almeida Amorim – Alagoinhas, 2014.

115f.; il.

Dissertação - (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Osmar de Moreira dos Santos.

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Educação básica. 3. Análise Literária. I. Santos, Osmar de Moreira. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de História. III. Título

CDD 807

Biblioteca do Campus II / Uneb

Bibliotecária: Maria Ednalva de Lima Meyer – CRB: 5/504

DESMONTAGEM DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder

ELISABETH SILVA DE ALMEIDA AMORIM

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título Mestra em Crítica Cultural. Área de concentração em Letras e aprovada em sua forma final pelo curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus II.

Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos
Orientador

Prof. Dr.^a. Edil Silva Costa
Coordenadora do Pós-Crítica

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (UNEB)
Presidente da Banca

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)
Examinador interno

Prof. Dr. Cláudio Cledson Novaes (UEFS)
Examinador Externo

SUPLENTES

Profa. Dra. Suzane Lima Costa (UFBA)

Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel (Pós-Crítica/ UEFS)

Vontade? O verdadeiro fenômeno de toda sensação e de todo conhecimento é uma explosão de força; em certas condições (intensidade extrema que produz uma sensação prazerosa de força e liberdade), chamamos esse fenômeno de “querer”.¹

¹ NIETZSCHE, F.W. *Vontade de potência* I. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010, p. 414

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que passam pelo nosso caminho, algumas param e nos dão a mão, enquanto outras prosseguem, mas mesmo sem estender a mão nos incentivam com um olhar, uma palavra, um gesto, uma crítica, um pensamento positivo. Não gostaria de deixar ninguém de foramento tão sublime como esse, agradeço a todos vocês, parando ou não ao meu lado. Em destaque:

Meu orientador e teórico que me conduziu a outros grandes na arte do desmonte de signo: professor Dr. Osmar Moreira dos Santos, minha gratidão. Extensiva também aos professores e professoras do Pós-Crítica, pela força e incentivo.

Ao meu pai Manoel dos Santos Almeida que me apresentou na infância o mundo mágico da leitura literária e, na adolescência, o jornal “Livre Expressão”.

Agradeço aos meus filhos Lucas e Marcos Amorim pela paciência com as lacunas maternas. E aos colegas de mestrado, em especial os amigos Olinson Coutinho, Nazarete Mariano, Katia Gomes e Carlos Artur Conceição (in memoriam) que mesmo à distância se fizeram presentes através das energias positivas e créditos depositados em minha pesquisa.

Estudantes, colegas e direção do Centro Educacional A Dinâmica e do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas por capitanearem projetos de leitura tão interessantes quanto aos projetos analisados, meus sinceros votos de sucesso na árdua luta do magistério que exalte e priorize a existência humana.

Todos vocês foram fundamentais para realização desse trabalho, no entanto peço licença para fazer essa homenagem ao meu querido esposo Amorim. Não poderia deixar de registrar o quanto ele foi parceiro em todos os momentos da minha vida. Uma vida que nunca foi fácil para nenhum de nós, pois sempre encontramos pedras em nossos caminhos. Mas, você ao meu lado, incentivando, torcendo, amando e com um caráter incrível recolheu todas pedras e transformou em construção.

A você, **Edmilson Nunes de Amorim**, esposo, amigo, amante, companheiro, cúmplice... Sempre e sempre.

Obrigada por fazer parte da minha história.

Iaçu, 1º. de maio de 2013

- Ei, Esperança!
Não vá embora,
Fique mais um pouco.
Para onde vai, com este ar de pressa?
Vai repousar em algum campo florido?
Feito borboleta, livre do seu casulo?
Para onde vai esperança?

Será que eu... Logo eu...
Eu que tanto tenho esperança
Nunca irei ver você?
Você já me viu, eu sinto que sim.
Ei, volte aqui!
Deixe-me sentir este ar de esperança,
De tê-la perto de mim...

Quero senti-la, ao menos uma vez
Sentir que você existe de verdade
Mas não quero...Nunca
Deixá-la na saudade.
Quero te ver de novo
Pousando no meu rosto,
Trazendo a felicidade.

Tu te camuflas no verde,
Seja ele qual for, até no capim
Às vezes fica no coração
Aqui dentro de mim.
Se a esperança é a última que morre,
Não se escondas de mim
E peço que comigo fiques
Do começo ao fim.²

² Poesia “Esperanças” cuja autoria é de estudantes de Ensino Médio, como desconstrução do conto psicológico “Uma esperança” de Clarice Lispector.

RESUMO

Trata-se de uma investigação sobre as táticas inventivas, utilizadas por estudantes da Educação Básica a partir do literário. Tomando como problema o aprisionamento literário, os objetivos foram identificar as táticas e fazer uma leitura crítico-cultural dessas formas criativas usadas como fuga da captura do literário. Através de estudo de caso, utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação; o levantamento de dados ocorreu por meio de estudos de projetos pedagógicos de leituras, oficinas e entrevistas escritas e orais. Feita a leitura dos dados coletados, chegou-se aos seguintes resultados: a transvaloração do signo literário promove a autonomia do estudante, contribui com a afirmação de identidade, rompe com o ensino da tradição e combate os dispositivos de poder. Em suma, o desmonte literário aponta outra forma de pensar o ensino da literatura.

Palavras-chave: produção criativa; educação básica; intersemiose; crítica cultural.

ABSTRACT

This is an investigation into the inventive tactics used by students of Basic Education from the literature. Focusing on the problem literary imprisonment, the objectives were to identify the tactics and make a critical-cultural reading of these creative ways used to capture the literary trail. Through case study, we used the methodology of action research, data collection occurred through studies of pedagogical projects of readings, workshops and written and oral interviews. After reading the data collected, we reached the following results: a reevaluation of the literary sign promotes student autonomy, contributes to the affirmation of identity, breaks with the tradition and teaching of combat power devices. In short, the literary disassemble points to another way of thinking about the teaching of literature.

Keywords: creative production; basic education; intersemiosis; cultural criticism

LISTA DE ILUSTRAÇÃO DE DESCONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Figura 1	GRAFITE “Os sertões”	18
Figura 2	REPORTAGEM “Dom Casmurro”	31
Figura 3	ANÚNCIOS CRIATIVOS – várias obras	35
Figura 4	HISTÓRIA EM QUADRINHOS da lenda “Boto cor -de- rosa”	53
Figuras 5	BANNER - Obras de Lima Barreto	58
Figuras 6	BANNER - Obras de Lima Barreto	58
Figura 7	CHARGES “O pecado” – Conto de Lima Barreto	59
Figura 8	POEMA “Lima Barreto” da Biografia do escritor	59
Figura 9	CAPA “REVISTA PERFIL”/ 2007	63
Figura 10	CAPA “REVISTA PERFIL”\2011	63
Figura 11	CAPA “A DINÂMICA EM NOSSA VIDA”/2009	64
Figura 12	CAPA “A DINÂMICA EM NOSSA VIDA”/2010	64
Figura 13	TIRA HUMORÍSTICA “Iracema”	76
Figura 14	HISTÓRIA EM QUADRINHOS “Iracema”	76
Figura 15	GRAFITE “Vidas secas”	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O ENSINO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A TEORIA DA INTERSEMIOSE: CONTRIBUIÇÕES DE ROLAND BARTHES QUE MODIFICAM O COTIDIANO LITERÁRIO	14
1.1 A LITERATURA NOSSA DE CADA DIA	14
1.2 ROLAND BARTHES: POR UMA TEORIA DA INTERSEMIOSE	25
1.3 LITERATURA RIZOMÁTICA: REPARANDO O COTIDIANO LITERÁRIO	31
2 ESTUDANTES-ARTISTAS: DISSEMINAÇÃO DO DESEJO DE TRANSVALORAR	43
2.1 ARTISTAS SUBALTERNOS DRAMATIZAM: DESMONTE DA REGULAÇÃO LITERÁRIA EM ENSINO MÉDIO	43
2.2 A LITERATURA ARTE COMO INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO	54
2.3 SUBJETIVIDADES E MICROPODERES DE UMA LITERATURA MARGINAL	57
3 A CRIAÇÃO SUBALTERNA EM EDUCAÇÃO BÁSICA E SEUS DESMONTES: O PASSEIO E O RETORNO	61
3.1 DESMONTANDO A LITERATURA, EIS O PERÍODICO LITERÁRIO!.....	61
3.2 FATOS & RELATOS: ESTUDANTES SOLTAM O ‘VERBO’	64
3.3 LAÇOS CULTURAIS E ENLACES ARTÍSTICOS NAS PRODUÇÕES CRIATIVAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Há muito se discute como se dá o ensino da literatura em educação básica, bem como os percursos trilhados para incentivo à leitura com base na seleção dos textos literários apresentados nos livros didáticos ou sugeridos em manuais pedagógicas de língua portuguesa. A proposta de estudo aqui apresentada usa como *corpus* da pesquisa produções de estudantes de educação básica publicadas em revistas³, cadernos⁴ específicos como resultados de desmontes literários com intuito de conhecer o que os estudantes produzem a partir de um texto literário, bem como identificar os modos de produção e circulação desses textos, aqui nomeada literatura-arte.

Desse modo, foi imprescindível identificar as micropolíticas⁵ implementadas para fortalecimento dessa ação embasada na teoria da intersemiose⁶, tendo como propósito combater os significados transcendentais⁷ no que tange a um signo literário.

Esta pesquisa tem o recorte temporal (2007-2011), período marcado pela publicação e circulação de revistas e cadernos literários que influenciaram a formação de leitor e marcaram uma época nas respectivas escolas de origens. Sendo a *Perfil: revista literária do Lauro Farani* a pioneira, periódico lançado em 2007 estruturado exclusivamente com produções de uma turma de 2º ano do Ensino Médio. No ano seguinte a revista foi inserida ao Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e contou com a efetiva participação de professores de diferentes áreas e seus respectivos alunos.

Em 2009 o projeto literário que resultou a *revista Perfil* foi socializado e adaptado para atender o Ensino Fundamental I e II em outra instituição educacional, rede particular, surgindo com isso *A Dinâmica em nossa vida – caderno literário & blog*. O caderno literário foi publicado em edições anuais em dois anos consecutivos e o *blog* (fev/2010- fev/2013) por três anos serviu de instrumento de socialização das produções de estudantes como resultados de desmontes literários ocorridos em diferentes espaços educacionais do município de Iaçú.

³ AMORIM, E.S.A et al. (org.) *Perfil: revista literária do Lauro Farani*. Iaçú: Colégio Estadual Lauro Farani, 2007. a organização se deu nos volumes 1, 2, e 4 em 2007,2008 e 2011 respectivamente

⁴ AMORIM, E. S. A et al (org.) *DINÂMICA: em nossa vida*. Caderno literário e Blog. Iaçú: Centro Educacional A Dinâmica. Disponível www.life-dinamica.blogspot.com.br acesso fev. 2013.

⁵ GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Microfísica*. Cartografias Del deseo. Trad. Florência Gomez. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.2005.

⁶ BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone _ Moisés. São Paulo: Cultrix. Pronunciada em 7 de jan/1977. 2001

⁷ DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Não há dúvida que a intenção aqui é investigar os textos de estudantes de educação básica para conhecer, problematizar e a partir de investigações das propostas curriculares e livros didáticos utilizados no período, interpretar como o fenômeno do desmonte literário acontece em espaços de exceção⁸ potencializado por vontades de artistas subalternos em prol de uma cultura libertária e literatura menor⁹.

A utilização de linhas de fugas para o não aprisionamento literário marca também o uso de táticas inventivas¹⁰ desse cotidiano, no qual o espaço de sala de aula é transformado em laboratório de aprendizagem onde as trocas mútuas acontecem nas oficinas de produção. A rotina de sala de aula é modificada e dominada por estudantes-artistas que do texto literário em discussão conseguem associá-lo a outros signos, deslocando a literatura de um lugar para assumir o perfil de carta, charge, tela, cordel, receita culinária, horóscopo, grafite, caça-palavras, bilhete, anúncio, paródia, entrevista, anedota, tira humorística, história em quadrinhos etc.

A pesquisa segue uma corrente teórico-metodológica nos pressupostos da intersemiose presente no livro *Aula* de Roland Barthes(2001), primando pela perspectiva rizomática defendida por Deleuze e Guattari(1995)¹¹. Barthes aponta as forças de poder da literatura em três dimensões muito recorrentes aos estudos feitos: *mathesis* como potência em articular saberes – isso algo bem visível durante a coleta de dados _ uma vez percebido em romance como *Vidas secas*¹² de Graciliano Ramos as discussões saírem do campo literário abraçando outras áreas nas quais a saga dos nordestinos retirantes, a região nordeste com problemas climáticos, políticas públicas para erradicação da pobreza, a matemática do cotidiano, abuso de poder são evidenciados, sem esquecer a leitura comparativa com a tela *Os retirantes*¹³ de Cândido Portinari; *mimesis* configura-se em modos de produzir, também marcado na pesquisa e a *semiosis* com os múltiplos sentidos. A essa força atribuída a literatura será dada uma atenção maior, pois ao longo do texto será mostrado como os estudantes passam de uma série discursiva para outra, combatendo os significados fixos.

⁸ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko Chapecó. SC: Argos, 2009.

⁹ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1977.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. 3 ed. Trad. Epharim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Introdução: rizoma*. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

¹² RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 80 ed. Rio de Janeiro: Record.2000 – fragmentos da narrativa foi encontrado nos dois livros didáticos analisados;

¹³ Tela pintada em 1944 por Candido Portinari exposta nos dois livros didáticos analisados.

Em consonância com a proposta de Barthes, é trazido para o cerne das investigações, teóricos como Michel de Certeau através da obra *Invenção do cotidiano* (1998), reafirmando que o *corpus* da pesquisa é fruto da inventividade e criatividade de estudantes e professores que modificaram a rotina das aulas de literatura apresentando novas formas de pensar, ensinar e ler o texto literário. Ênfase também as contribuições de Derrida ao combater o significado transcendental, já reverberando uma “política cultural libertária com o esvaziamento do signo”, conforme defende Santos.¹⁴

As produções coletadas e interpretadas rompem com a tradição, inovam o ensino da literatura e conseguem atrair leitores para as histórias desmontadas, sem, no entanto, apontar “verdades”, mas apresentar outras práticas de leituras ensinadas e apreendidas, talvez, para serem também desconstruídas por outros estudantes. Geralmente, os textos aguçam a curiosidade do(a) leitor(a) para entender a charge, um cartum ou um bilhete de cunho literário. Durante o período demarcado para acompanhamento dos textos de estudantes de educação básica, dois livros didáticos de Língua Portuguesa foram adotados para o Ensino Médio, a saber: *Português*¹⁵ da coleção “Ser Protagonista”, cujo organizador é Ricardo Gonçalves Barreto e *Português: linguagens*¹⁶, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Ambos serviram de instrumentos investigativos para identificar as propostas de leituras para esse público e como elas foram associadas a outros signos e/ou série discursiva, fenômeno aqui estudado.

Vale salientar a existência de vasto material coletado ao longo da pesquisa, mas optamos por textos publicados em diferentes meios de divulgação e circulação cultural, por se tratar de produções coletivas com grande incidência de estudantes egressos. Assim, foram analisadas quatro edições da revista *Perfil* (2007, 2008, 2009 e 2011), priorizando textos da 3ª Série de Ensino Médio, exceto na primeira edição. Por terem acompanhado o processo da pesquisa-ação¹⁷ no âmbito da Unidade Escolar, estes co-pesquisadores do ensino médio serão aqui identificados “estudantes-artistas do grupo A”. Quanto aos cadernos literários foram dois volumes de *A Dinâmica em nossa vida*¹⁸, 2009 e 2010, investigamos textos de Ensino Fundamental II, representado por “estudantes-artistas do grupo B.”

¹⁴ SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*: Salvador: VIII ENECULT, 8 a 10 de agosto de 2012a

¹⁵ BARRETO, Ricardo Gonçalves. (org) *Português: ensino médio*. 3 ano. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2010.

¹⁶ CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens: volume 3, ensino médio*. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.

¹⁷ BARBIER, Renè. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

¹⁸ Cadernos literários criados em uma escola da rede particular (Centro Educacional A Dinâmica) para socializar as produções desmontadas em diferentes áreas tendo como foco a leitura literária.

Cada texto desmontado da literatura não se encerra nele mesmo, instrumentaliza-se desse modo, o início para uma nova produção para outros estudantes que o leem. Essa prática metodológica dialoga com a pesquisa qualitativa e está integrada ao campo da crítica cultural sob o desejo de promover uma “cultura autônoma e libertária”¹⁹ para a educação básica no ensino da literatura.

Esta introdução traz um breve panorama do objeto de análise com recorte temporal, bem como alguns pressupostos teóricos e metodológicos norteadores da pesquisa. Sendo esse texto estruturado em três capítulos acrescido de considerações finais de forma parcial, marcando a intenção de dá continuidade aos estudos apresentados.

A primeira parte intitulada “O estudo da literatura em educação básica e a teoria da intersemiose: contribuições de Roland Barthes que modificam o cotidiano literário,” o foco é para a teoria adotada com perspectiva de mudança no ensino da literatura. Por isso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais*²⁰ para o ensino de língua portuguesa em Ensino Médio, bem como manuais e propostas pedagógicas serviram de estudos para identificação das leituras sugeridas para formação do leitor. Por outro lado a teoria de Roland Barthes associada à política da criação aponta indício de mudança no cotidiano literário.

Em “Estudantes-artistas: disseminação do desejo de transvalorar”, segunda parte da dissertação, a ênfase é para os métodos utilizados por *professor-artista*²¹ e estudantes, ambos classificados como *artistas subalternos*, Certeau(1998)²² para implementação e criação da literatura-arte através do desmonte literário, como as “táticas inventivas” potencializam as ações dos grupos no desmonte do texto literário associando a literatura a outros signos, passeando pelo campo artístico e crítico da literatura estudada.

E a terceira e última parte intitulada “A criação subalterna em educação básica e seus desmontes: o passeio e o retorno à literatura,” traz para o bojo das discussões as produções criativas coletadas ao longo da pesquisa, apresentando as táticas inventivas utilizadas para que essa literatura-arte seja circulada e o quanto ela poderá ser propagada nos espaços de saber como instrumento de afirmação identitária. As interpretações mostrarão a passagem de um

¹⁹ SANTOS, Osmar Moreira dos . Primeiros passos de um crítico cultural. Alagoins: UNEB, /Campus II, 2012b

²⁰ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ensino médio. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC,1999.

²¹ GALLO, Silvio. *O professor –artista: educação de si e revolução molecular*. In SANTOS, Cosme Batista. GARCIA, Paulo Cezar Souza. SEIDEL, Roberto Henrique. (Orgs.) *Crítica Cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. P.15 -27.

²² Certeau aponta as táticas de invenção como artes do fraco, subalterno, do marginalizado pelas políticas sociais.

signo para outro conforme a teoria da intersemiose e de certa forma *dessacralizando*²³ o signo literário.

1 O ENSINO DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA E A TEORIA DA INTERSEMIOSE: CONTRIBUIÇÕES DE ROLAND BARTHES QUE MODIFICAM O COTIDIANO LITERÁRIO

1.1 A LITERATURA NOSSA DE CADA DIA...

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente... Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago...²⁴

Segundo Seidel,²⁵ o poeta modernista Oswald de Andrade “foi o pensador que, ao invés de só olhar para o futuro, olha para o passado” e em seu *Manifesto Antropófago*, politiza uma prática cultural do passado e, ao trazê-la para o cotidiano promove a *transculturação*, a ruptura e de certa forma a transgressão de ordens dominantes. Identifica-se desse modo como um crítico que transita numa contemporaneidade do seu tempo, sem se desligar do passado. Do *primitivismo cultural* ao desmonte do signo lingüístico, há necessidade de atentar-se para ações reativas contra as diversas formas de violências à cultura considerada periférica. Cada vez mais, essa cultura vista como “inferior” modifica a “ordem do discurso” e ganha a atenção de pesquisadores atentos às margens.

Para Santos,²⁶ Oswald potencializa a subversão de estrutura pelo viés da violência antropofágica, questionando tanto o individualismo quanto o coletivismo do cenário da política cultural brasileira, desse modo,

²³ AGAMBEN, Giorgio. *O sacramento da linguagem: arqueologia do juramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. O autor faz uma arqueologia do juramento trilhando percursos sacros e jurídicos, associando-o a linguagem. Aqui, o termo dessacralizar a linguagem literária, deverá ser entendida como deslocamento, desmonte ou desconstrução da linguagem literária.

²⁴ ANDRADE, Oswald. *Manifesto antropófago*. In: Teles, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª. e. Petrópolis: Vozes: Brasília:INL, 1976. Disponível <http://www.ufrgs.br/oandrade/oandrade.pdf> acesso 08/05/2013

²⁵ SEIDEL, Roberto Henrique. Apresentação. In: SANTOS, Osmar Moreira dos. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: Quarteto Editora. 2010. Disponível <http://margensdaliteratura.files.wordpress.com/2012> acesso 05/05/2013

²⁶ SANTOS, Osmar Moreira dos. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: Quarteto Editora. 2010 Disponível <http://margensdaliteratura.files.wordpress.com/2012> acesso 30/04/2013

A imagem transgressora de cultura elaborada por Oswald de Andrade parece encontrar o seu limite à medida que não temos muita alternativa senão alinhá-la às noções de vanguarda estética ou histórica. Se alinharmos essa imagem à vanguarda estética, temos uma negação da história com ênfase no primitivismo ou num socialismo libertário no futuro²⁷...

Ter como foco dessa pesquisa o que os estudantes da educação básica fazem com a literatura, de certa forma marca um olhar “subversivo” a uma ordem pedagógica dominante em escolas de educação básica, munidas de manuais didáticos, diretrizes e projetos específicos para a leitura literária que muitas vezes não saem do papel. Porque ao beber da fonte oswaldiana para *deglutir* a literatura como os canibais, a “presa” precisa merecer apreciação e despertar o desejo no outro de ser consumido. Em se tratando da literatura, o desejo de ser lida, capturada, desmontada e repassada como agenciadora de cultura libertária irá muito depender da vontade que potencializa as ações do professor e estudantes. E uma das inquietações percebidas durante o processo de acompanhamento e desmonte literário se traduz da seguinte forma: até que ponto o que os estudantes fazem com a literatura é viável para a formação de competências leitora e escrita de um texto literário? Algo a ser respondido ao longo desse texto.

Inegavelmente, vivemos em um estado de exceção, com isso há uma necessidade de combater ou neutralizar os “dispositivos”²⁸ capazes de engessar e alienar o indivíduo, e a literatura pode ser o instrumento político de reparação simbólica e de mudança. Como é possível gostar de ler texto ficcional se muitas escolas não priorizam espaços de apresentação, prazer e aquisição da obra literária? A carência de bibliotecas ou pontos de leituras parece ser proporcional a de leitores, no entanto cabe ao professor de literatura criar mecanismos para incentivar a formação de leitores.

A literatura nossa de cada dia infelizmente continua muito presa aos manuais didáticos, propostas curriculares fechadas e sem recursos disponíveis para implementação de propostas de leituras. Se permanecermos aprisionados a uma literatura que não desperta a atenção, o prazer de ler se esvai. Não foi por acaso que estudantes e professores de educação básica criaram as revistas literárias como “linhas de fugas”²⁹ para escaparem de aprisionamentos, da mesma forma não é por acaso que as produções desmontadas da literatura ganham mais atenção e aumentam a procura do texto base.

²⁷ SANTOS, 2010 op cit., p. 69.

²⁸ AGAMBEN, 2009. op. cit.

²⁹ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. 1995. op. cit.

Não resta dúvida que as resistências à prática pedagógica inovadora embasada na política da criação existem desde os momentos de produção em sala de aula e se estendem em diversos espaços institucionais de educação. O estudante acostumado a “ler/resumir” inicialmente estranha uma “desordem”. Modificar ou aderir uma prática diferente da habitual é uma árdua tarefa, processo longo que irá depender da visão que se tem de educação, cultura, literatura e política, enfim, do construir-se educador para uma cultura autônoma. Muito bem recorrente as lições de Paulo Freire 1991, porque

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.³⁰

As palavras de Freire dialogam com tantos outros teóricos como Bondía³¹ que discute como a falta de tempo faz com que o “experenciizar” se comprometa, pois muitos problemas da educação continuam sendo “da educação,” pois falta o outro se tocar, investir; Morin³² aponta uma educação para era planetária, transdisciplinar e Esteban e Zaccur³³ defendem que o compromisso do professor com a educação, torna-se visível quando não transfere responsabilidade para outros. Os diálogos possíveis entre os teóricos, de certa forma evidenciam a importância da leitura que o professor faz do seu ambiente, para que novas leituras possam sugerir indo *além do escrito*³⁴.

Talvez as inquietações sejam frutos do que se construiu em torno da leitura literária, muito visível como atribuição específica do(a) professor(a) de língua portuguesa. A ele(a) “compete” a dura missão de propor leitura de obras literárias para em sequência cobrar um resumo como documento comprobatório do que foi lido. Ao desmontar a literatura, apresentando-a em outros signos, acontece uma ruptura com a tradição.

³⁰ FREIRE, Paulo. *Educação nas cidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

³¹ BONDIA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. n.19, p 20-28 jan/abril. 2002. In: BERALDO, Rossana. BARBATO, Silvane. (orgs.) A formação do professor do século XXI. Módulo 2: Instrumentos Pedagógicos para Preparação de Dinamização de aulas com o uso das TIC e de Internet. 2012 .Disponível em: <http://bahia.cead.unb.br> curso de atualização pedagógica. Acesso 03/04/2013

³² MORIN, Edgar. Terra: *um olhar transdisciplinar*. II Fórum Universo do Conhecimento. Educação para a era planetária. São Paulo: Tv Cultura, 2011.

³³ ESTEBAN, M. T.e ZACCUR, E. *A pesquisa como eixo de formação docente*.In: ESTEBAN, M. T; ZACCUR, E. Professora pesquisadora: uma práxis em construção. Rio de Janeiro. DP&A, 2008.

³⁴ FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23 ed.São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/LIVROSEPAULOFREIRE_aimportanciadoatodeler.pdf.

Interpretando as produções dos estudantes é possível perceber não apenas grandes nomes da literatura brasileira, mas artistas subalternos que conseguem promover a abertura de outras séries: charge, paródia, história em quadrinhos, carta, bilhete etc, com traços comuns que remetem à literatura deglutida. Com isso, as contribuições de Derrida(2001) no combate aos significados transcendentais, fazendo desmontes linguísticos fundamentam esse texto. Entretanto, o que faz um texto ser ou não literário? Há essência que demarca esse território chamado literatura? Avancemos.

1.1.1 Ser ou não ser texto literário, eis a questão

A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles...³⁵

Há muito se questiona acerca das peculiaridades de um texto literário, onde e como esse texto se manifesta, o tipo de linguagem adequada para identificação e estrutura. Por mais que se busque uma resposta consensual esbarraremos nas restrições.

Falar da literatura automaticamente remete-nos a uma linguagem conotativa, livre, fora desse poder. Liberdade essa, dada aos leitores ao fazer uso das três forças literárias, segundo Barthes, denominadas: *mathesis*, *mimesis* e *a semiosis*. Aqui, a *semiosis* terá maior espaço para discussão, porque é essa força de liberdade que oportuniza a multiplicidade de sentidos, possibilitando assim, passar um texto de uma série discursiva para outra série, como diz Santos(2012a) “os nomes não nascem grudados com as coisas.”

Segundo Culler(1999)³⁶ conceituar a literatura não é a prioridade da teoria literária, apesar de se criar uma expectativa em relação a essa questão, mas por conta da flexibilização das características apontadas como “palpáveis” de um texto literário não há uma definição consensual. Desse modo, características marcadas como literariedade, contexto, organização, linguagem, ficcionalidade ou estética podem também ser encontradas em outros textos classificados não literários, portanto não são determinantes para a definir um texto literário.

Indo além, Culler aponta a literatura como “uma prática na qual os autores tentam avançar ou renovar a literatura, e, desse modo, é sempre implicitamente um reflexo sobre a própria literatura”. Como seria criar literatura? Há uma fórmula a ser seguida ou ironizar esses “prontuários” convencionais dos livros didáticos para o ensino da literatura não seria mais uma forma de pensar a literatura? Ainda Culler contribui dizendo:

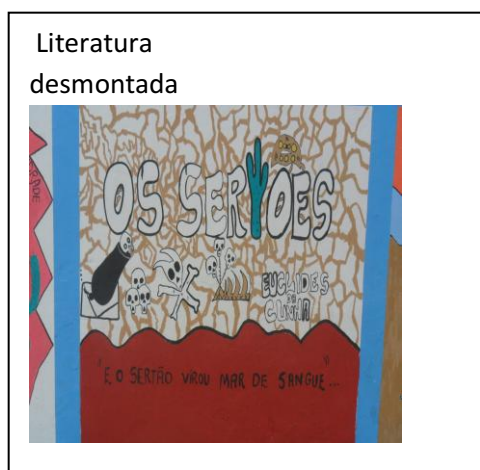
³⁵ BARTHES, 2001, op. cit. p. 18

³⁶ CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo; Beca Produções Culturais, 1999. Disponível em: www.soliteratura.com.br/introducao acesso 20 – 9/04/2013

A literatura é uma instituição paradoxal porque criar literatura é escrever de acordo com as fórmulas existentes _ produzir algo que parece um soneto ou segue as convenções do romance – mas também zombar dessas convenções, ir além delas. A literatura instituição que vive de expor e criticar seus próprios limites, de testar o que acontecerá se escrevermos de modo diferente. Assim a literatura é ao mesmo tempo o nome do convencional absolutamente demolidor.³⁷

Ao pensar na ruptura com o convencional, através da inovação e criatividade, esses estudantes-artistas conseguem fazer bem. Discutir a obra literária “Os sertões”³⁸ de Euclides da Cunha, por exemplo, através de uma charge, posteriormente transformada em grafite no muro da escola, revela o grau de envolvimento com o texto apresentado, eles conseguiram relacionar as imagens abstraídas do texto e atrair leitores para a discussão da obra desmontada. “Os sertões” através do grafite (fig. 1) pode não se constituir num texto literário, mas foi o instrumento de ligação à literatura.

Figura 1



As táticas utilizadas pelos estudantes para chegarem até o grafite são (des)montadas de leituras, pesquisas e oficinas para produção e socialização. Partindo do que o livro didático oferece e a disponibilidade de recursos no ambiente escolar. Neste caso, a obra citada consta nos manuais didáticos analisados, como exemplo de “Literatura em transição”, mesmo sem nenhum exemplar da obra na biblioteca da escola onde se deu a pesquisa com o grupo A. No manual didático da 3ª série de Ensino Médio, “Ser protagonista” organizado por Barreto(2010)³⁹ entre as páginas 24-27, aparecem fragmentos do livro *Os sertões* ao lado de

³⁷ Idem.

³⁸ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial/ Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

³⁹ BARRETO, 2010, op. cit.

algumas obras de arte, em destaque “ A flagelação do beato” de Sante Scaldaferrri, com a indicação “Óleo sobre a tela,” 1966, bem como charge ridicularizando a ação de Antonio Conselheiro e seus seguidores. No entanto, em nenhuma das questões abordadas sobre os textos verbais há relação com os textos não-verbais, deixando por conta da inventividade e criatividade do professor/estudante, pois a interpretação é direcionada para os textos escritos e não para as imagens.

Chartier⁴⁰(s/d) defende sobre como as formas de apresentação de um texto interferem no sentido do mesmo, devido a quantidade de interpretações possíveis que uma obra se propõe a apresentar para diferentes leitores que dela se apropriam. Percebemos através da figura 1 indicada como uma transmutação de *Os sertões* para grafite, o quanto os estudantes conseguiram apropriar dos escombros da Guerra de Canudos, desde o título com a presença da imagem do mandacaru, vegetação típica da região ao “mar de sangue,” até as caveiras espalhadas, retratando a consequência do conflito abordado na obra em destaque.

Afinal, há uma distância entre o sentido atribuído pelo autor e os sentidos construídos pelos leitores, no entanto, notamos através do grafite no muro da escola, como as imagens aproximam leitores e sentidos. Mas, seguimos com uma certa cautela o viés pedagógico, com intuito de fazer um breve panorama do cotidiano escolar.

1.1.2 Livro didático, Parâmetros Curriculares Nacionais(PCN) e outras propostas no ensino da literatura

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto...⁴¹

Que esperança almejemos para educação? Ilusória ou concreta? Cada vez mais encontramos estudantes desmotivados e sem esperança, a escola parece ser inadequada ou simplesmente castradora de sonhos. A literatura criativa poderá ser um viés para consolidar a autonomia dos estudantes. Quando Clarice Lispector narrou em um conto psicológico “o seu” encontro com uma esperança, talvez não tivesse imaginado o quanto um *esqueletinho verde*⁴² em uma parede qualquer poderia ser desmontado, deglutido e matizado de outras cores em mãos alheias de uma educação básica, contrariando expectativas, ordens, linguagens e discursos.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. *O especialista em história da leitura*. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/> acesso em 20/02/2014

⁴¹ LISPECTOR, Clarice. *Uma esperança*. In: Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 92-94

⁴² Idem. Termo usado pela escritora ao fazer um jogo de sentidos com a palavra esperança.

Falar do livro didático de ensino médio é falar de uma conquista, esperança capturada. No entanto, é muito comum os estudantes “esquecerem” esse material em casa. (nesta pesquisa, referimo-nos ao livro de língua portuguesa da 3ª série) A recorrência aponta uma anormalidade a ser refletida, investindo em propostas curriculares dialógicas e flexíveis, por exemplo, poderá ser o começo.

Conforme Sacristán(1998),⁴³ “O currículo agrupa diversas fases da cultura, do desenvolvimento pessoal e social das necessidades vitais dos indivíduos para seu desempenho em sociedade, aptidões e habilidades fundamentais.” O desempenho do professor de português corrobora para que a fluência e gostos pela leitura sejam aflorados ou não e devido o contato com alunos, compete-lhe buscar adaptação curricular em prol de uma cultura que respeite a existência humana.

As leituras das produções de estudantes-artistas detectam o quanto foi planejada a ação, e a medida que os grupos escolhem a forma de representar e socializar, há uma potencialização de vontade marcada na autonomia de poder. Do mesmo modo o(a) professor(a) também fez a sua opção em “transgredir” a proposta do livro didático.

Assim, cada escolha é permeada de ideologias, valores e anseios e,

o professor não decide sua ação no vazio, mas no contexto da realidade de um local de trabalho, numa instituição de ensino que tem suas regras de funcionamento marcadas, às vezes, pela administração, pela política curricular, pelos órgãos de governo ou pela simples tradição que se aceita sem discutir⁴⁴

Como as leituras são implementadas diante de uma sociedade de exceção? Um dos passos seguidos foi mapear o quê o livro de português propõe, como e até que ponto a escola oferece recursos para sustentação das propostas. Partindo daí, fazer *a máquina de guerra* funcionar, conforme questiona Santos⁴⁵: “Como fazer das escolas como local permanente de debate e agitação cultural?” Indo além ele afirma a necessidade de investir numa “cultura como uma máquina de guerra a favor de uma vida comunitária e seus modos de vida libertária”.

Os dois livros de Português utilizados nos últimos cinco anos por estudantes do grupo “A” são: “Português: linguagens v.3 ensino médio” cujos autores são Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e “Português, coleção Ser protagonista, v. 3 ensino médio”

⁴³ SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed,1998.p.55

⁴⁴ Idem, p. 166-167

⁴⁵ SANTOS, 2010,op. cit.,p. 35.

organizado por Ricardo Gonçalves Barreto. O estudo se deu com o propósito de conhecer as sugestões de leituras literárias e buscar suporte para sustentação e fortalecimento dessas leituras aos estudantes que estão saindo do ensino médio.

As propostas contidas nos manuais pedagógicos apesar de terem organizadores diferentes são bem parecidas. Ambas iniciam com “Pré-modernismo” enfatizando obras dos escritores Euclides da Cunha, Monteiro Lobato⁴⁶, Lima Barreto⁴⁷ e Augusto dos Anjos⁴⁸ e praticamente os mesmos textos desses autores se repetem nos dois livros analisados. Diferenciando-se nas sugestões de vídeos complementares que Cereja e Magalhães apresentam como recursos para pesquisa:

De época: Tempos modernos, de Charles Chaplin; 1900, de Bernardo Bertolucci; Metrópolis, de Fritz Lang; O encouraçado Potemkin, de Sergei Eisenstein; Reds, de Warren Beatty; Sacco e Vanzetti, de Giuliano Montaldo; Surrealistas: o fantasma da liberdade, O discreto charme da burguesia, de Luis Buñuel. Nacionais: Paixão e guerra no sertão de Canudos, de Antonio Olavo; Triste fim de Policarpo Quaresma, herói do Brasil, de Paulo Thiago; Pagu, de Norma Benguel; Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade; Lição de amor, de Eduardo Escorel; O quatrilha, de Fábio Barreto; Os amores de Picasso, de James Ivory; Rumo ao paraíso perdido, de Mario Andreacchio.⁴⁹

O que temos desses autores classificados pré-modernistas nas bibliotecas da escola/cidade? Há videoteca ou algo do gênero com algum desses filmes? Infelizmente, não. Lindoso(2004) aponta o quanto o país carece de políticas para o livro. Dos quatro autores em destaque foram encontrados alguns exemplares de “Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto” e um exemplar de “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato. E das sugestões de filmes nenhum foi encontrado.

Seguindo o roteiro literário dos livros avaliados, eis o “Modernismo” com a contextualização de autores e obras e mais uma vez alguns textos se repetem, sendo que há no livro de Cereja e Magalhães uma inclinação para a arte. As telas expostas em toda estrutura do material didático ajudam o leitor a apreciar a “imagem em foco” característica ímpar, a apresentação do texto verbal e em seguida o não-verbal. Falta, porém uma relação entre os textos apresentados.

Falar das obras disponíveis para consulta dos estudantes da série final de Ensino Médio demandará um tempo maior, entretanto, sem a intenção de aprofundar na questão do

⁴⁶ MONTEIRO LOBATO, J.R. Cidades mortas. São Paulo : Brasiliense, 1995, p.22-23

⁴⁷ BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

⁴⁸ ANJOS, Augusto. Melhores poemas.3ed. São Paulo: Global, 2001.

⁴⁹ CEREJA e MAGALHÃES, Idem, aqui, p.11

acervo, pois não é esse o foco da pesquisa, havia na biblioteca do Grupo “A” uma boa quantidade de livros do século XIX, principalmente do Romantismo: “O guarani”, “A Viuvinha”, “Senhora”, “Lucíola” e “Cinco Minutos” de José de Alencar, “Dom Casmurro” de Machado de Assis, “Inocência” de Visconde de Taunay, aproximadamente vinte exemplares de “O cortiço” de Aluisio de Azevedo. Mas, a literatura de Jorge Amado, Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Oswald de Andrade, Manoel Bandeira, Érico Veríssimo, João Cabral de Melo Neto eram praticamente inexistentes. Exceto, um exemplar de “Ou isto ou aquilo” Cecília Meireles, “O quinze” de Rachel de Queiroz, não mais que três exemplares de Drummond e assim por diante. A presença desses escritores do século XX nas bibliotecas das escolas é marcada pelos exemplares da coleção “literatura em minha casa”⁵⁰, projeto implementado pelo MEC em 2001 cuja função: propagar a literatura aos lares distribuindo *kit* literário para estudantes da 4ª a 8ª séries do ensino fundamental, a fim de aflorar o gosto pela leitura.

Dialogando informalmente com bibliotecárias (professoras em desvio da função) de diferentes instituições, percebemos que a realidade é a mesma. Muitas obras de autores do século XIX enchem as prateleiras, contrapondo-se com a quase inexistência de textos do século XX e XXI. Propagar um discurso contemporâneo sobre direitos humanos, respeito às diferenças, combate a homofobia e precisar de uma indicação de leitura literária, possivelmente se esbarrará em textos românticos nos quais a sociedade idealizada é representada. Ainda prevalece muitas leituras de “viuvinhas” e “senhoras” talvez, com certa nostalgia de mulher ideal e a representação indígena é marcada pelas “iracemas” e “guaranis”, sendo notória a ausência dos “cunhambebes”⁵¹ nas bibliotecas visitadas.

Nota-se uma lacuna que poderia ser preenchida com produções de Cuti, Carolina de Jesus, Marcelino Freire, Helena Parente Cunha, Cora Coralina, Oswaldo Camargo, Conceição Evaristo entre outros nos manuais didáticos e bibliotecas. O não cânone praticamente não aparece nos livros didáticos, mas uma sequência de autores/obras que se repete como um ritual, funcionando como um “pacote pronto para estudantes daquela série”. Estudantes que

⁵⁰COPES, Regina Janiaki. SAVERI, Esméria de Lourdes. *A representatividade do projeto A literatura em minha casa como uma política pública para a formação de leitores*. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE/ III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 -29 de outubro, PUCPR, disponível em http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/695/EVENTO_RepresentatividadeProjeto.pdf?sequen ce=1 acesso 04-06 de maio de 2013. Segundo as autoras o projeto “Literatura em minha casa” é uma célula do Programa Nacional Biblioteca Escolar (1997) , e muitos livros que deveriam ser distribuídos para os estudantes não saíram das escolas públicas, pois a quantidade enviada pelo MEC às escolas não foi suficiente para a distribuição e muitos professores desconhecem o projeto.

⁵¹ Alusão ao protagonista de *Meu querido canibal*, obra de Antonio Torres.

perderem essas aulas serão condenados a não ver mais o conteúdo, uma vez que não há literatura comparada nos manuais investigados.

Em se tratando de projetos de leituras para educação básica, percebe-se a falta de verbas para sustentação. Na escola do grupo “A” o projeto ativo é “A dinamicidade da língua⁵²”, este deu origem a revista Perfil em 2007 e na escola do grupo “B” são dois projetos em evidência: “Varal da Poesia” e “A literatura dinâmica” .

Todas as edições da revista e caderno de literatura que compõem esta pesquisa tiveram dificuldades para impressão gráfica, dependendo da ajuda dos próprios estudantes envolvidos, estes, maiores incentivadores da proposta. Na última revista literária lançada pelo grupo “A”, os estudantes, professores, gestores e funcionários da escola se mobilizaram e contribuíram com a quantia de R\$ 10,00(dez reais) para aquisição de uma revista. Esse valor pago só foi possível porque contou com apoio financeiro da direção escolar para ajuda de custeio do valor real repassado para gráfica (R\$15,00 por exemplar). Mostrando com isso, toda a dificuldade enfrentada para agilizar uma ação: produzir cadernos literários.

As ações pedagógicas para fomentar projetos de leituras nas escolas passam por alguns percursos, apesar das mesmas fazerem parte do Projeto Político Pedagógico(PPP) das unidades de criação. Assim, convém buscar os Parâmetros Curriculares Nacionais(PCN) de Língua Portuguesa para o ensino médio a fim de investigar o tipo de diálogo proposto com a literatura. A nossa cautela se dá por conta da leitura ter focalizado exclusivamente ao apoio dado a língua portuguesa desse público.

Pensar no ensino da literatura do Ensino Médio faz retomar os objetivos da Educação Básica, no Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases(LDB)⁵³ conforme os PCN⁵⁴, p.138 “desenvolver o educando, assegurar-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meio para progredir no trabalho e em estudos superiores”. É notório que a leitura é imprescindível para o progresso tanto no trabalho como nos estudos. E “o texto literário se desdobra em inúmeras formas”. PCN, p.143 Mesmo porque,

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural,

⁵² Projeto criado em 2007 por uma professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, Iaçú – Bahia, para incentivar a leitura literária, partindo da ideia da desconstrução do signo(literário) e formando novos signos (gêneros textuais).

⁵³ Lei de Diretrizes e Bases, 9.394/96

⁵⁴ Parâmetros Curriculares Nacional: ensino médio. Ministério da Educação. Secretaria da Educação, 199. 364p.

único em cada contexto porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem.⁵⁵

E nessas tessituras, dobras e desdobras de um texto literário que os diálogos são travados no Ensino Médio, uma comunicação que dribla os manuais pedagógicos e propostas curriculares fechadas. Afinal como proporcionar ao aluno a direito de produzir o próprio texto? Ainda nos PCN ao apresentar as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa, no que tange à “investigação e compreensão” destaca-se a habilidade esperada:

Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.⁵⁶

Questionamos: As instituições oferecem condições para que haja essa recuperação e construção do imaginário coletivo através dos estudos literários? As bibliotecas estão equipadas adequadamente para receber os futuros leitores? Lindoso(2004) ao traçar um panorama das políticas para cultura e para o livro chega ao âmago da questão, e uma das evidências apontadas é a falta de conexão entre os projetos, às vezes, excelentes, mas por questões políticas travam no meio do caminho. Em se tratando de livro, o maior prejudicado é o estudante. E Felipe Lindoso chama atenção sobre os problemas detectados com um projeto de leitura “Literatura em minha casa,” propício para funcionar bem, mas por falta de diálogo, valorização e interesses particulares não avançou,

“Literatura em Minha Casa” foi feito em ritmo de urgência para ser entregue em abril de 2002. Data que, por acaso, era a data-limite para desincompatibilização dos ministros que desejassem concorrer a cargos eletivos naquele ano.

E finalmente, a escolha da comissão. Não quero, de maneira alguma, levantar qualquer tipo de suspeita sobre a comissão que selecionou as coleções. O problema dessas comissões é simplesmente que são comissões, foros restritos que acabam precisamente com o que os professores valorizam como uma de suas prerrogativas mais queridas: a liberdade de escolha.⁵⁷

Indo além, Lindoso afirma que ao anular um projeto, as formas de castrações são tão violentas que atingem até o “porteiro” de uma instituição para que esse projeto não tenha chance de ser resgatado. Entretanto, o professor é figura-chave nesse processo de revitalização de propostas de leituras. E quando esse profissional acredita no potencial dos

⁵⁵ Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 139. op cit.

⁵⁶ Idem, p. 145.

⁵⁷ LINDOSO, 2004, op. cit.,p. 161-2

estudantes, os resultados aparecem independentes de vontades alheias. E a revista literária em uma escola pública é fruto da vontade potencializada.

As escolas são sustentadas por “projetos prontos”, alguns bons, outros carentes de diálogos entre professores e alunos. E Foucault(1996) é pertinente em afirmar que não se deve temer o começo, e sim, investir na mudança, porque a instituição já tem um discurso pronto, um discurso que já está *na ordem da lei*, e há um policiamento do discurso na nossa sociedade, mas é justamente na interdição de um discurso que irá revelar o grau de ligação com o desejo e com o poder.

1.2 ROLAND BARTHES: POR UMA TEORIA DA INTERSEMIOSE⁵⁸

Aliamos a Roland Barthes para fundamentar teórica e metodologicamente esta proposta que traz a literatura em primeiro plano, numa perspectiva de revalorar o signo a partir da desconstrução, enriquecendo a linguagem crítica literária.

Qual o poder da literatura? As aulas engendradas nos manuais pedagógicos não são armas poderosas para anulação da existência dos estudantes quando negados a capacidade de criação? Barthes afirma:

Chamo de discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder, mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra os poderes, e não é um combate fácil, pois plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali: nunca perece: façam uma revolução para destruí-lo ele vai imediatamente reviver, regerminar no novo estado de coisas.⁵⁹

Ao pensarmos na inutilidade de uma revolução para extenuar os poderes, propomos a junção da teoria X prática alicerçada a semiologia para explorar os poderes emanados da literatura. Esta, capaz de “driblar” poderes linguísticos, ir além do texto escrito e concatenar diferentes significados.

O francês Roland Barthes (1915-1980) ao dedicar-se aos estudos da semiologia, revela-nos como a fala escolhida pela instância de poder _ história, pode parecer mitológica, sem negar a factualidade histórica. Em três de suas obras *Aula* (1977); *Óbvio e obtuso(s/d)* e

⁵⁸ A semiologia é considerada a ciência dos signos, Barthes identifica como desconstrução linguística. E a semiosis é uma das forças de poder da literatura, caracterizada pela multiplicidade de sentidos dado ao texto literário.

⁵⁹ BARTHES, 2001, op. cit., p. 11-12

Mitologias(1957) os signos são enfatizados sob diferentes aspectos, no entanto é em *Aula*, livro resultado da aula inaugural de Semiologia literária para o colégio de França, que buscaremos fundamentar esse texto, mais especificamente, por intermédio da *semiosis* pela capacidade de multiplicação dos sentidos, defendida pelo autor como uma das forças da literatura.

O texto se estrutura teórico e metodologicamente na intersemiótica sob a perspectiva de Roland Barthes, estudioso das significações que muito contribuiu (e continua contribuindo) com as pesquisas alicerçadas na utilização de imagens, nos signos lingüísticos e mais especificamente na linguagem literária pelo poder de se desprender dos significados transcendentais.

1.2.1 A semiologia: ciência dos signos

Para Roland Barthes, a semiologia é vista como a ciência dos signos. Paradoxalmente a semiologia vem da linguística, uma ciência que agrega diferentes pólos desde formais aos sociais, sobrecarregando-se a área de abrangência. Segundo esse teórico, a linguística por conta dos paradoxos se desconstrói, e essa desconstrução é chamada de semiologia.

Nas palavras de Barthes(2001);

...Mas a própria linguística, um pouco como a economia está em vias de estourar, parece-me, por dilaceramento: por um lado, ela está atraída por um pólo formal, e segundo essa inclinação, como a economia, formaliza-se cada vez mais; por outro lado, ela se apodera de conteúdos cada vez mais numerosos e cada vez mais afastados de seu campo original... quer por excesso de fome, escanifrada ou empazinhada, a linguística se desconstrói. É essa desconstrução da linguística que chamo, quanto a mim, de semiologia.⁶⁰

Ainda Barthes defende a Semiologia como uma ciência surgida na década de 50, com a função de recolher o impuro da língua ativa, “os desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões...” enfim a corrupção da mensagem cabe a semiologia capturar.

Ao buscarmos esse viés intersemiótico para a pesquisa, significa dizer o quanto as produções desmontadas de estudantes de educação básica passam pelos estudos da semiologia, pelas malhas da desconstrução. Isso, porque o texto literário ao ser transmutado de uma série discursiva para outra, abraça também diferentes signos.

⁶⁰ BARTHES, 2001, op. cit., p. 29

Assim, a junção da literatura à semiologia é fundamental para consolidar as discussões e “corrigir-se uma a outra” (Barthes). E com isso, o olhar semiótico sobre o texto pode não dá espaço para o mito nem para dogmas, impossibilitando a fixação de significados transcendentais, sem apreender o real, mas transitar e se relacionar com várias ciências.

Enfim, ao relacionar essa força da literatura a *semiosis* à pesquisa realizada, percebemos os diferentes significados oriundos dos textos desmontados, resultado de um signo lingüístico que passou pelo processo de mutações.

1.2.2 Percursos de Roland Barthes

Roland Barthes inegavelmente é considerado o grande teórico da ciência dos signos e dos símbolos. Formado em Letras Clássicas, Gramática e Filologia conseguiu marcar através de suas obras, participação efetiva nas áreas da linguística e da literatura.

Iniciou os estudos linguísticos alicerçado no estruturalismo funcionalista de Saussure, mas em *Mitologias*(1957)⁶¹, ao direcionar sua pesquisa para o comportamento das famílias reais européias representadas nos jornais e revistas na década de 50, bem como ao observar como práticas do cotidiano apresentam-se nesses meios de comunicação, ele consegue desmontar semiologicamente a linguagem utilizada até então e promover uma série de reflexões sobre as notícias analisadas.

Roland Barthes em sua trajetória, ao apropriar-se dos jornais e revistas da época, parece não sentir tão atraído com os estudos lingüísticos de Saussure e começa a analisar o que encontra *obtusos* nas linguagens utilizadas pela imprensa. Para Barthes, os mitos⁶² podem ser vistos como um sistema semiológico podendo ser encontrável no significante, significado ou no próprio signo. Vejamos como Roland Barthes trabalha dentro da proposta da semiologia, as influências dos mitos nas linguagens, principalmente nas imagens⁶³.

O livro “Mitologias” de Roland Barthes foi lançado na década de 50 e a escrita se deu no período de 1954 a 1956. Desde então ele continua sendo visto como objeto de estudo para aqueles que pretendem entender o funcionamento da semiologia sob a proposta barthesiana.

Antes, vale apresentar a definição do mito como algo que se configura em diferentes ações lingüísticas: *uma fala despolitizada, sistema de comunicação, uma linguagem, sistema*

⁶¹ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Hector Schmucler. Siglo Ventiuno Editores. Mexico-DF sd.

⁶² Em comentadores de Barthes. *Mitologias*. Disponível em : www.tauanaeccoisasafin.blogspot.com acesso 30/10/2012.

⁶³ Em comentadores de Barthes. *Mitologias*. Disponível em <http://pt.showvong.com/humanities/philosophy/mitologias> acesso: 20-25/10/2013

*semiológico*⁶⁴. No entanto o pesquisador Barthes chama a atenção para os dois sistemas semiológicos do mito: *lingüístico* e *metalinguagem*. No sistema linguístico é da própria linguagem que o mito se apropria para construção do sistema_ *linguagem-objeto*, configurando-se desse modo o segundo sistema metalinguagem que irá funcionar como uma segunda língua.

Como algumas representações aparentemente inocentes chamaram a atenção do Roland Barthes? Os estudos desenvolvidos por esse pesquisador mostram a possibilidade da literatura “falsear” a linguagem, escapar das convenções linguísticas arbitrárias e revelar outras significações.

Apropriando-nos das contribuições de Barthes, percebemos uma aproximação com as “transgressões literárias” de estudantes de educação básica. Muitos textos conseguem escapar das convenções linguísticas e arbitrárias estimulando uma leitura além do revelado. Basta rever a figura 1, na qual a terceira parte do livro “Os sertões” de Euclides da Cunha é transmutada para o grafite, sendo as tintas utilizadas em tom do vermelho, clara representação do massacre ocorrido no Arraial de Canudos. As caveiras, canhão, terra rachada ilustram uma história que mais uma vez passa pelo desmonte, neste caso, literário.

1.2.3. Espiando “Aula”, de Roland Barthes

Existe limite para os significados de um texto literário? Ao pensarmos na semiologia literária proposta por Roland Barthes, quais são as forças de liberdade da literatura?

As propostas pedagógicas da educação básica referentes ao ensino da literatura refletem perspectivas de uma escola em que os estudantes são colocados em segundo plano e com isso elas continuam sem atender as políticas de criação nem priorizar a existência da vida. Literatura com o poder que tem de “falsear” a linguagem poderá ser associada a outros signos e é justamente essa proposta que defende Barthes. Afinal, como esse pesquisador percebe a literatura?

...literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por outro lado, ele permite designar saberes possíveis _ insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa

⁶⁴ Idem, s/d

distância que a literatura nos importa... ela encena a linguagem... a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita.⁶⁵

Em *Aula*, livro resultado de um discurso do pesquisador, a proposta barthesiana é exibida com ênfase. Sendo o foco da discussão os poderes engendrados nos textos literários, conforme o autor há três forças da literatura em evidência: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*.

Ao discutir a primeira força, classificada como *mathesis*, o teórico Roland Barthes aponta as possibilidades que a literatura abre para articulação de saberes. Isso significa dizer o quanto é possível ser explorado de um texto literário diferentes áreas de conhecimentos. A literatura rompe os espaços delimitados para sua abrangência e *invade* e abraça outras ciências.

Como exemplo Barthes apresenta as várias ciências que dialogam com o romance Robinson Crusóe, desde os saberes históricos, botânicos, antropológicos, técnicos, culturais entre outros inseridos no saber literário – romance. A literatura, sob o ponto de vista de Barthes (2001) é tão importante que

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente realista, ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.⁶⁶

A segunda força da literatura, a *mimesis*, Barthes explora o poder que a literatura tem em representar algo, mesmo porque a literatura tem o real como o objeto de desejo. Assim, mesmo afirmando que o saber da literatura tem caráter realista, o autor mostra através da força da representação da literatura (*mimesis*) o quanto ela pode ser irreal, pois potencializa um desejo impossível.

A *semiosis*, terceira força de liberdade, o autor elege como o ponto forte do seu discurso os múltiplos sentidos da literatura, tornando-a assim, uma ciência diferenciada. Barthes inicia falando da fragilidade das ciências humanas, chamando-as de *ciências da imprevisão* por conta das alterações que ocorrem no mundo, seja na política, economia, sociedade, religião e a dureza dessas ciências em lidar com essas mudanças, como se os sentidos fossem fixos.

⁶⁵ BARTHES, 2001, op. cit., p. 17-18

⁶⁶ Idem, p. 16-17

No entanto, a literatura alicerçada pela semiologia, esta apontada por Barthes como *desconstrução linguística ou ciência dos signos* consegue articular os diversos sentidos, ou melhor, passar de um signo para outro, tornando-se com isso, uma ciência completa e indispensável às escolas.

A teoria barthesiana dá um salto nos estudos linguísticos e literários, porque numa sociedade pós-moderna na qual vivemos não permite discutir a literatura de forma cronológica como se os sentidos fossem imutáveis. A semiologia associada a literatura multiplica os sentidos do texto e conseqüentemente respeita a política da criação. Com isso, as forças de liberdade se cruzam e potencializam saberes, representações e sentidos.

Através desta pesquisa, vimos no romance “Vidas secas” de Graciliano Ramos, por exemplo, muitos saberes explorados e os múltiplos sentidos articulados a partir desses saberes. A exclusão social, a matemática prática, a migração e os problemas sociais, o nordeste brasileiro, condições climáticas, a política patronal, segurança pública associada ao abuso de poder na atuação do *Soldado Amarelo*⁶⁷ ... Num lampejo do momento houve a união das ciências: sociologia, matemática, história, geografia, política, literatura, arte com outros saberes e signos, desde a pintura da tela “Retirantes” de Cândido Portinari às produções (charge, grafite, cartum, cordel) de estudantes-artistas que fazem da literatura uma festa de signos.

Ao analisarmos a revista Perfil v. 1/2007 encontramos os desdobramentos dos signos na obra Dom Casmurro⁶⁸ de Machado de Assis. Essa multiplicidade de formas de apresentar um texto literário se estendeu para a moda, p. 21 e 22(estilo de roupa de Capitu e Escobar); sociedade p. 10(do século XIX, política, costumes); cultura, p. 17 (local/regional e dos personagens); biologia p.12(questões genéticas e DNA), entrevista p. 13(leitores do romance);horóscopo p.20 (com personagens do romance); reportagem(12-14) sobre a possibilidade de adultério de Capitu (fig.2, p.32), e contribuiu para o surgimento de novas séries discursivas a partir da literatura encontramos também a astrologia, o cinema e a peça teatral.

O primeiro exemplar da revista Perfil, resultado de várias pesquisas promovidas pelos estudantes de educação básica, mais especificamente uma turma da 2ª. Série de Ensino Médio, revela-nos uma grande aproximação dos textos publicados com os leitores e autores. Os estudantes investiram numa linguagem fácil para apresentar de diferentes formas a

⁶⁷ Clara representação da lei, marcando o abuso de autoridade através do personagem criado por Graciliano Ramos, no romance Vidas secas. Há um capítulo no romance com o título em destaque.

⁶⁸ ASSIS, Machado. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Nova Agullar, 1994.

quantidade de livros literários lidos durante o ano letivo de 2007. À proporção que esses textos são exibidos, novas sugestões, críticas e artistas da literatura vão surgindo.

Na figura 2 a seguir, apresenta parcialmente uma reportagem feita pelos estudantes para conhecer o posicionamento político de cada leitor entrevistado diante da suposta traição da personagem Capitu. Desse modo, a obra Dom Casmurro recebe outras articulações, indo além da literatura.



Figura 2

Em síntese, Roland Barthes valida o poder da literatura, colocando-a como uma disciplina indispensável, capaz de articular em si várias forças. Desde a de potencializar saberes, multiplicar sentidos até representar algo. A *semiosis* abre a porta para a pluralidade de sentidos, desse modo reforça o abraço da literatura com a semiótica. A política da criação deixando fluir as táticas de inventividade vem expressas nas produções catalogadas e desmontadas, merecedoras da atenção no tópico seguinte.

1.3 LITERATURA RIZOMÁTICA: REPARANDO O COTIDIANO LITERÁRIO

...reparar significa ainda o direito de se ter uma máquina de guerra situada entre as formas dominantes de representação da realidade _ seja ela a ciência, religião, moral ou arte.⁶⁹

⁶⁹ SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estranha ideia de reparação. In: *Heterotopia: reparações – dramatizando ordens de despejo lingüístico, cultural e territorial*. Universidade do Estado da Bahia: Alagoinhas, Campus II, Ano 3, n 4, dez/2011. p.2

Pensar na literatura como instrumento de reparação simbólica faz-se atentar para as construções feitas, desfeitas e refeitas de obras literárias. A literatura é movente e dinâmica nas mãos dos estudantes-artistas. Esse deslizamento dado ao texto com o desmonte literário, torna-o escorregadio e múltiplo. Um conto ao fugir da estrutura habitual recebe características de bilhete, carta ou outro gênero textual. A carta é o conto ou o conto é a carta? Ou melhor, de uma carta o leitor é conduzido a um conto que poderá conduzi-lo através de outro olhar para... Onde? O limite é a criatividade de cada um.

A literatura rizomática que estamos investigando é capaz de funcionar como essa “máquina de guerra” nesta política de reparação. As fronteiras precisam ser derrubadas, porém, ainda há uma distância entre o que as escolas propõem e os maiores interessados:estudantes. E quanto mais cedo aceitarem a não fixação de significados aos signos perceberão os encadeamentos, a multiplicidade de sentidos, pois o texto se *produz na transformação de outro*, afirma Derrida(2001, p.32) “...nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento...constitui-se a partir do rastro, que existe nele...”

“Esvaziar os sentidos, combater o significado transcendental”, ainda Derrida(2001, p.36) parece indicar uma alternativa menos arbitrária para o ensino da literatura em educação básica, uma literatura que por muito tempo aprisionou o estudante à leitura de contexto histórico linear e preciso. Agarrar-se ao signo, corre o risco de permanecer a uma clausura.

Como permanecer enclausurado(a) a um signo literário por exemplo, se as forças de poder da literatura não permitem esse fechamento? A *semiosis* é vista pela capacidade de ser aberta a vários sentidos. E as produções apresentadas ao longo desse texto ratifica essa abertura. E se os *rastros*⁷⁰ não são ainda percebidos de forma unânime nos ambientes institucionais, a reparação simbólica precisa acontecer. Esses *rastros* podem facilmente ser identificados em produções de representantes do Grupo “B”, já sinalizado, esse grupo assina textos de estudantes de Ensino Fundamental II de uma escola da rede particular localizada no município de Iaçú, Bahia. Vejamos:

Você não tem muita história
Por isso estou escrevendo
Esta poesia com glória
Obrigado pelo trabalho
De seus filhos entristecidos
Que um dia foram para senzalas

⁷⁰ DERRIDA,2001, op. cit. O teórico Derrida ao combater o significado transcendental afirma que o texto é formado pelo encadeamento com outros textos, assim nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a outro elemento, com isso a unidade é constituída a partir do rastro que nele existe concatenado a outros rastros constituindo uma cadeia ou sistema.

E ficaram oprimidos.
Apesar do seu passado
Ter sido de escravidão
Vamos pegar uma borracha
E apagar esse problemão?
MAÉ ÁFRICA, NEGRA COR
Suas pobrezas, um horror!
De doenças muitos morrem
E os problemas nunca resolvem
Obrigado pela influência
Na cultura do povo brasileiro
Por isso temos a ti
Um enorme respeito.⁷¹

Sem enveredar pela análise do discurso, pois o propósito é apresentar, mapear o que o estudante de educação básica faz com um texto literário, é visível os rastros deixados e as aberturas possíveis para as leituras de textos desse gênero. Contudo, podemos inferir como se manifesta “Mãe África” para o autor a partir dessas marcas deixadas: a) visão da África “sem história”- remete as histórias de vencedores, glórias propagadas nos livros didáticos de caráter eurocêntrico, enquanto continente africano vem bem marcado pela escravização e pobreza; b) a autoria como espécie de reparação simbólica - garante ao continente africano uma história negada, em “Por isso estou escrevendo/Essa poesia com glória”; c)escravidão e escravizados na contemporaneidade – aponta uma conscientização dos problemas passados e atuais; d) a influência cultural africana no Brasil –ao fechar o poema com um agradecimento a mãe África pela cultura trazida e incorporada à cultura brasileira.

Inegavelmente cada texto funciona como um espectro de outros textos, as leituras feitas sustentam e são sustentadas por novas ou velhas leituras. E apesar da pouca idade do autor de “Mãe África”, nota-se as sutilezas em suas dobras e desdobras. A África é a mãe que chora pelos filhos escravos no passado e escravizados no presente, presos e marcados pela cor da pele, causando no texto uma ruptura entre o passado e presente, que de certa forma estão imbricados pelo “problemão” apontado seguido da sugestão de um apagamento com “borracha”. No entanto, ao trazer esse “problemão” para o presente há uma consciência da

⁷¹ O poema foi coletado do caderno de literatura volume 2“ A Dinâmica em nossa vida/2010”, assinada por um estudante de 8ª. série, resultado do abraço do desmonte literário invadindo outras disciplinas. Neste caso o conteúdo trabalhado em Geografia, serviu para transformar “Geografia em prosa e verso” conforme divulgação na página 7 do referido material didático produzido. Nesta página além do poema “Mãe África”, há outros intitulados “América”, “Região Nordeste”, África”, “O campo e a cidade” e “Região Centro-oeste” mostrando resultados parciais das desconstruções do signo em diferentes séries. Exemplos assim, mostram o posicionamento político de um(a) professor(a) de Geografia em aproximar a literatura dos conteúdos trabalhados em sala, transmutando para a poesia.

impossibilidade de invisibilizá-lo, afinal a cultura afro está presente em nossa vida e as anulações são menos sutis.

1.3.1 A literatura rizomática como máquina de guerra

Pode-se dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.⁷²

Quando Deleuze e Guattari(1995) apresentam para o mundo a teoria do múltiplo tomando como exemplo o rizoma e as conexões com os platôs formando cadeias semióticas, abrem as discussões para a criação de *livros rizomas* com linhas de fugas para outros livros/leituras/sentidos, automaticamente sustentando-se pelos agenciamentos e articulações feitas, tornando-se uma arma de reflexão. Como exemplo, eles apontam Kafka como uma “máquina literária” capaz de existir *pelo fora e no fora*, assim defendem a funcionalidade de um livro. Os teóricos Deleuze e Guattari confirmam:

...Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade – não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, que quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo. Um agenciamento máquino é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante...Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém como uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária...⁷³

Ao voltarmos às contribuições de Agamben(2009) no início desse tópico, reconhecemos a biografia da sociedade pós-moderna, feita por esse filósofo italiano, na qual os corpos estão “inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real” (idem,p.48). E ser contemporâneo para ele, é ser capaz de enxergar no seu tempo, não as luzes, mas as trevas, talvez “camufladas” pelo excesso da claridade. Associando-as com as teorias de Derrida, Deleuze e Guattari encontramos a inter-relação desses estudos. Os engessamentos existem, e de posse dessas teorias rizomáticas aplicadas na pesquisa realizada, o agenciamento vem sendo feito através

⁷² AGAMBEN, Giorgio, op cit. p. 63 -64

⁷³ Deleuze e Guattari, 1995 , op. cit. p. 12

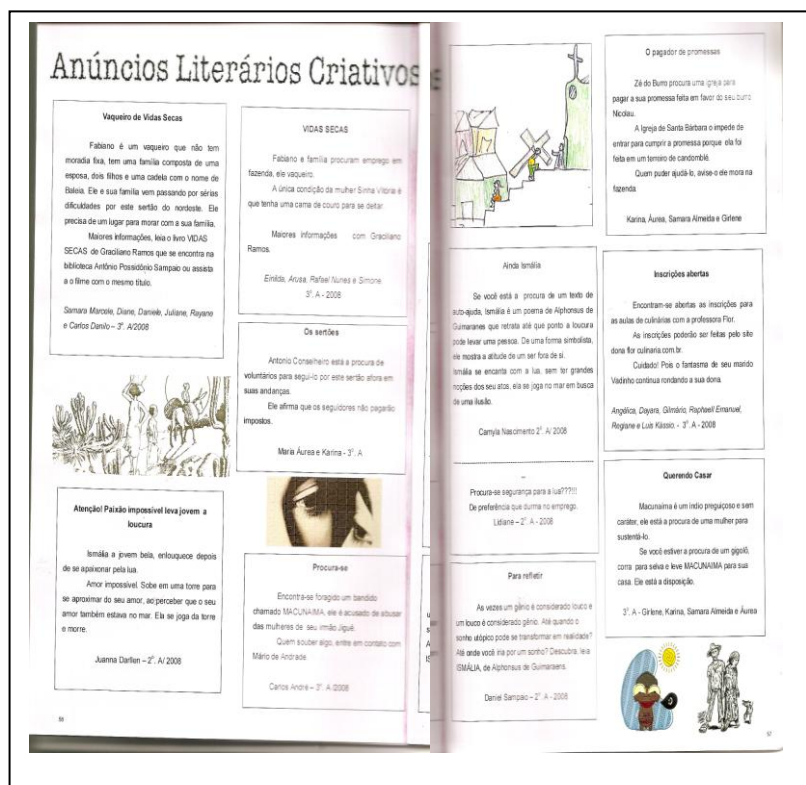
das produções de estudantes-artistas e a desconstrução do signo é o alvo. Ele por ser construído é suscetível a desmonte e reavaliação.

Quando apropriamos dos textos a seguir (figura 3) produzidos por estudantes do grupo “A”, notamos outra série manifestada não como ruptura porque remeterá o leitor ao texto base, neste caso detonador de novas leituras. Assim: “Antonio Conselheiro está à procura de voluntários para segui-lo por este sertão afora em suas andanças. Ele afirma que os seguidores não pagarão impostos”. Este anúncio literário faz o ouvinte/leitor refletir acerca de quem é que está anunciando e o porquê da mensagem, possivelmente influenciará o leitor a buscar essas respostas, por que não no livro literário?

Outro anúncio criativo retirado da revista Perfil, dessa vez sobre o olhar dado ao livro Vidas secas, de Graciliano Ramos, traz a seguinte mensagem:

Fabiano é um vaqueiro que não tem moradia fixa, tem uma família composta de uma esposa, dois filhos e uma cadela com o nome de Baleia. Ele e sua família vem passando por sérias dificuldades por este sertão do nordeste. Ele precisa de um local para morar com a sua família. Maiores informações leia o livro VIDAS SECAS de Graciliano Ramos que se encontra na biblioteca Antonio Possidônio Sampaio ou assista ao filme com o mesmo título.⁷⁴

Figura 3



⁷⁴ Produção de estudantes do Ensino Médio, grupo “A”. Anúncios Criativos estão na 2ª. edição da Perfil: revista literária do Lauro Farani, 2008, p. 56.

A figura 3 apresenta anúncios criativos publicados na “Perfil: revista literária do Lauro Farani, 2008”. Fica evidente a multiplicidade de significados que as produções de estudantes de ensino médio podem provocar. Além de anunciarem os livros/poemas lidos, há uma chamada para o enredo, personagens, as denúncias e indicação onde a obra poderá ser encontrada. Nas páginas em destaque (fig 3: 56 e 57) apresentam anúncios sobre “Ismália” de Alphonsus de Guimaraens, “Macunaíma”, de Mário de Andrade, “Dona Flor e seus dois maridos”, de Jorge Amado, “O pagador de promessas”, de Dias Gomes entre os já apresentados, bem como acompanhados de cartuns, cartazes também desmontados desses textos.

Há em todo processo de realização da pesquisa uma sensação de prazer, como diz Nietzsche⁷⁵ “o prazer; sensação de um aumento de potência”. Ao trabalharmos o poema Ismália⁷⁶ de Alphonsus de Guimaraens, eis o resultado:

Às vezes um gênio é considerado louco e um louco é considerado gênio. Até quando o sonho utópico pode se transformar em realidade? Até onde você iria por um sonho? Descubra, leia Ismália de Alphonsus de Guimarães. Refletir.⁷⁷

Com isso, os primeiros passos estão acontecendo, estudantes de educação básica não se acomodaram diante “das luzes do presente”, escavaram a literatura e dos rastros apresentam as “lavras” encontradas, não como máquina de guerra, mas como máquina de potência para uma *literatura menor*⁷⁸. Muitas vezes combatida em instituições, talvez, pelo desconhecimento do potencial e agenciamentos que as “máquinas” produzem, mas resistem, das brechas e se multiplicam nos espaços destinados à crítica cultural.

1.3.2 As táticas de artistas menores

Arte é algo fundamentalmente perigoso não apenas para quem produz, mas também para a sociedade.⁷⁹

⁷⁵ NIETZSCHE, 2010, op.cit. p. 418.

⁷⁶ O poema tematiza a loucura, a moça ao enlouquecer se apaixona pela lua, como não consegue alcançá-la do alto da torre, ao vê-la refletida nas águas do mar, ela se joga da torre. O poema foi transformado em anúncio e história em quadrinhos ao longo desse processo de desmonte literário.

⁷⁷ Produção de estudante de ensino médio, ele usou a desmontagem do poema para um anúncio e deixa registrado a incompreensão humana com os sonhos dos outros, sonhos utópicos para uns, mas vitais para outros.

⁷⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1997. Os autores defendem a literatura menor como revolucionária, labiríntica e política.

⁷⁹ AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1970.

O ambiente escolar é permeado de leis e regras numa espécie de vigilância às avessas, pois a preocupação é com quem produz e deveria ser o inverso. Há muito se discute a formação do leitor no Brasil, as políticas para livro e políticas para a cultura não caminham juntas. No entanto, muitas ações afirmativas para implementação de projetos geralmente caem em terras áridas e não florescem por muito tempo. Como criar as linhas de fugas para que as produções de estudantes artistas sejam circuladas dentro e fora do âmbito escolar?

As produções marginais apesar das tentativas frustradas de silenciamentos saem dos “quartos de despejos⁸⁰” das “favelas de reparações⁸¹” e ganham as universidades. Mãos artistas, artistas da literatura que usam as táticas inventivas de desmontes como símbolo de afirmação identitária e adesão a uma cultura libertária.

Falar dos artistas da literatura é se lembrar de uma *ordem do discurso* que circula em rede nas instituições espalhando os *micros poderes*. Porém através das linhas de fugas, a arte torna-se instrumento de empoderamento, conseqüentemente alvo sujeito a controle. No entanto, Foucault (2002, p. 44) defende que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes que eles trazem consigo”.

Michel de Certeau(1998) também propõe inventar o cotidiano, alterar o proposto e se desprender das estratégias, recorrendo-se as táticas de criação. Já visto o quanto os estudantes de educação básica recorrem desses artificios para não paralisar diante de alguns propostas de leituras que pouco ajudam na construção de um pensamento crítico, mas fortalecem as idealizações e representações humanas e sociais estereotipadas e arquetípicas.

Afinal, como Certeau apresenta a tática?

... tática é a arte do fraco(...) sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.⁸²

Se numa literatura menor tudo é político, significa dizer não há um acaso de sua existência. Ela por si mesma invade os espaços desterritorializando-os com a sua presença. Metamorfoseando-se a cada investida e escapando-se incontrolavelmente de espaços

⁸⁰ Alusão ao trabalho de Carolina de Jesus, autora do livro Quarto de despejo. Negra, semi-analfabeta, favelada não se acomodou registrou suas memórias.

⁸¹ Referência aos marginalizados, excluídos, anulados pelo sistema, mas criam ações singulares e marcam presença, mesmo vindo de locais atípicos. E a linha 1, do metrô em Crítica Cultural consegue deslocar esse escritor marginal desse local de anonimato, seja a favela, aldeia, sala de aula... E com isso, a reparação acontece.

⁸² CERTEAU, Michel, 1998, op. cit. p. 101

segregados. Com isso a teoria do múltiplo se faz necessária ao analisarmos os textos de estudantes, bem como a parceria dessa teoria com a intersemiose para emitirem esses talentos. Para Deleuze e Guattari(1977),

Os talentos não abundam em uma literatura menor(...) esse estado de raridade do talento na verdade é benéfico, e permite conceber outra coisa que não uma literatura dos mestres: o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.⁸³

Quantas histórias literárias permanecem trancadas nos velhos baús das tradicionais famílias que enxergam a arte de escrever como algo de repressão e policiamento? Quem determinou a ordem dos textos apreciáveis, canônicos e “dignos” de estarem ocupando locais de destaque, talvez não estivesse preparado com a invasão da *massa* que se espalhou pelos quatro cantos dos espaços de poder, como as universidades.

Autores anônimos estão cada vez mais ganhando as universidades, modificando as ordens dos discursos. Semelhantes a essas mãos que escrevem, há outras que pintam, desmontam e reescrevem a literatura, mãos artistas de estudantes de educação básica que conforme os estímulos recebidos mostram o começo da mudança através do ensino da literatura.

Para Walter Benjamin(1994) em se tratando de autenticidade da arte haverá sempre uma lacuna, mesmo na reprodução mais perfeita, pois o “aqui e agora da obra de arte” dá-lhe uma existência única onde ela estiver. Em suas palavras,

A esfera da autenticidade, como um todo, escapa a reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica.(...) Em primeiro lugar, relativamente ao original, reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual.(...) Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma da fotografia, seja do disco(...) a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial.⁸⁴

Como defendemos que a arte não deverá se distanciar da vida, uma arte vista como uma prática cultural que se inquieta em busca de outros modos de apreender, pensar a literatura, de criar e de apropriar-se dessa criação artística livre da aura, recorreremos à Crítica

⁸³ DELEUZE e GUATTARI, 1977, op. cit.p. 27

⁸⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. ed 7. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

Cultural para uma possível reparação simbólica. Dessa forma, ao estudarmos as produções desmontadas de estudantes de educação básica tornou-se imprescindível pensar na estética da existência, pois cada artista deixa pinceladas de sua vida nas obras reproduzidas.

1.3.3 Eis a Crítica Cultural fazendo a reparação⁸⁵...

São inegáveis os discursos prontos e repassados nas reuniões de pais e mestres. Como um ritual, as “queixas” em relação aos alunos são constantes, e as ações para o combate parecem ineficazes. “Alunos não gostam, não querem, não leem, não discutem e não aprendem...” E quais as táticas utilizadas para transformar as negativas em ações positivas?

Que existe uma opinião formada acerca das produções de estudantes de Ensino Médio é fato. Há sempre quem aponte esse público como não leitor, sem refletir as condições dadas para que as leituras aconteçam. No entanto, essas opiniões devem ser combatidas, pois são prejudiciais à pesquisa, conforme Bachelard(1996)⁸⁶ “o primeiro obstáculo a ser superado é o combate a opinião”.

Se a falta de leitura é apontada como grande vilã dos fracassos escolares, então o ponto de partida para sanar o obstáculo seria retrabalhar a literatura na prática do cotidiano, aproximá-la da vida do estudante para torná-la tão presente e necessária que seria impossível não vê-la a cada gesto, a cada ação e reação.

Felipe Lindoso (2004) traça um panorama das políticas para cultura e para o livro no país. Marcando a vinda da corte para o Brasil, com a Imprensa Régia e Biblioteca Nacional e as intencionalidades dos investimentos culturais, o pesquisador registra os “afilhados do rei” como únicos beneficiários. Infelizmente não mudou muito, a massa continua distante dos eventos culturais, mesmo quando estes recebem incentivos do governo. E quando pensamos em aquisição de livros, é mais grave, pois as poucas iniciativas que persistem, passam pelas políticas de constantes “rupturas” conforme os interesses dos administradores do dinheiro público.

⁸⁵ Atentar-se para o jogo de sentidos do signo “reparação”; desmontar, criar linhas de fugas, corrigir, ampliar, inovar,mas também lembrar do “Heterotopia”, jornal do programa do mestrado em Crítica Cultural, UNEB, Campus II, dramatizou ordens de despejo lingüístico, cultural e territorial através de uma boa quantidade de textos “reparatórios”, no ano 3, n4, dez. 2011.

⁸⁶ BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Trad. Estela dos Santos Abreu.Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Se há carência de livros nas bibliotecas das escolas, sobra criatividade nos alunos. E multiplicar o que se tem para propagação desse material de uma forma mais dinâmica e atrativa poderá ser uma opção para combater opiniões fundadas em juízo de valor acerca das leituras em educação básica.

A partir dessa idéia de reparação simbólica, a cada ano surgem artistas que de forma inovadora e inventiva apropriam-se dos textos literários e desmontam. O signo passa por uma série de desdobramentos e outros signos ganham a cena e o público.

O desejo de construir algo novo está presente em cada oficina de produção realizada. A inovação ganha espaço, como defende Jameson(2004),⁸⁷ a arte tem uma missão política no capitalismo tardio, dentro desse campo de força que é o Pós-modernismo, os impulsos culturais de produção tem que encontrar o caminho. E esses estudantes estão lapidando os caminhos.

Estudantes de educação básica, escola pública, cidade de interior, grupo que até pouco tempo estava distante das universidades, muros impediam a penetração, hoje, graças a sensibilidade da Crítica Cultural é possível conhecer o que esses estudantes fazem com a literatura, como eles trabalham a língua, pois “assim que é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder” afirma Barthes.⁸⁸

Falar do abraço da Crítica Cultural aos textos marginais é trazer para o centro das discussões o posicionamento político-cultural de Osmar Moreira dos Santos, professor doutor do Programa de Mestrado em Crítica Cultural, UNEB, Campus II, Alagoinhas, Bahia, Brasil. Defensor ferrenho das desconstruções do signo a favor de uma cultura libertária e autônoma, este teórico enxerga no texto literário uma possível arma de guerra para conquista da autonomia almejada. Aliado a Derrida, Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros grandes nomes da crítica cultural, o destaque dado a Osmar Santos não provém somente das sugestões de leitura recebidas, mas por complementar esse quadro de teóricos que rompem modelos criando saídas com singularização⁸⁹, agenciamentos coletivos, difusos micropoderes⁹⁰, modificando os modelos instituídos, características também detectadas em algumas ações investigadas neste texto.

⁸⁷ JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004

⁸⁸ BARTHES, 2001, op.cit.

⁸⁹ GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. 2005. Op. cit

⁹⁰ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997

1.3.4 A recepção das produções de estudantes da educação básica

Desde a implantação da Biblioteca Nacional no Brasil, já havia uma série de interesses para atender o gosto de leitura dos “amigos do rei” enquanto o gosto popular protelava para o segundo plano. Como diz Lindoso(2004), há um jogo político muito forte para implementação e sustentação de projetos, sejam para a cultura e para o livro. Pensar que as portas estão sempre abertas para o conhecimento, inovação, criatividade, é ainda acreditar nas infinitudes de histórias românticas que enchem as prateleiras das bibliotecas públicas.

A vontade de romper com as estruturas, desacorrentar os programas pedagógicos para ouvir estudantes que por muito tempo permaneceram silenciosos e silenciados, saem das produções desconstruídas do signo literário. Talvez sair é uma tática de encontrar-se dentro do próprio espaço. Uma espécie de mostrar, até para os seus, a existência humana que exala dos textos desmontados.

Quantos cartazes que foram colocados nas paredes com intuito de socializar a comunidade estudantil, sofreram pichações ostensivas e quase imediatas? A vontade de potência cria mecanismos de resistências. As violências ainda existem, mudam de alvo, mas as técnicas de persuasão são as mesmas em diferentes espaços instituídos de poder, porém são nos espaços institucionalizados acadêmicos que essas produções anônimas ganham mais força, adesões e respeito.

Há quase quinze anos os registros acontecem fazendo parte da política cultural dos professores envolvidos. Falando em cultura, defendemos nesta proposta uma política cultural voltada para ações autônomas, capazes de desligar os elos da alienação. Para tal, os investimentos para essas produções são elevados, cabendo as instituições de ensino que promovem oficinas, todas as despesas com os materiais didáticos utilizados: pinceis, tintas, papel metro, pilotos, fitas adesivas, giz de cera, hidrocor, papel ofício entre outros. Após o desmonte, passa para a etapa da socialização, para que a circulação ocorra. Fenômeno muito bem aceito em diferentes espaços.

Realmente esses textos produzidos por estudantes de educação básica ganharam apreciação de diferentes públicos e leitores, a saber: Revista Literária Perfil (2007 – 2011) promoveu o abraço da literatura a outros signos; Direc 18 (2009) homenageia o Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas com um prêmio simbólico “Bocapiu de Ouro/2009”⁹¹ pelo projeto inovador que resultou numa revista literária; Caravana da

⁹¹A revista “Bocapiu de ouro” é composta por registros dos projetos inovadores em ação das escolas públicas pertencentes a regional (Direc 18) . No entanto, não aponta os nomes dos idealizadores dos projetos, a meu ver

Educação no Sul da Bahia (2011), organizadores do evento convidaram a autora do projeto da revista literária para apresentá-lo no Centro de Convenções da cidade de Ilhéus, BA; III Ebecult(2012) a representação cultural de escola pública é divulgada através de uma revista literária, chama a atenção do público e abre o site do evento com o título “Da escola para a academia”⁹²; Programa de Crítica Cultural/UNEB campus II (2012) aprova o projeto; Abralic (2012) os resultados parciais da pesquisa são socializados em Campina Grande, PB; A UNEB, Campus IX(2012) – conhece o projeto como inovador; Editora Protexoto (2013) publica o livro “Literatura desmontada e Cia” de autoria da pesquisadora Elisabeth Amorim. E ao chegarmos na etapa final, já temos estudantes publicando seus textos em sites culturais, revelando com isso, um posicionamento político muito afinado para a produção literária.

As ações de artistas subalternos - como estudantes de educação básica - em criar mecanismos para divulgar o que eles produzem, é mais uma tática usada para fortalecimento de desejo. Roland Barthes não reivindica uma reparação literária ao apontar as forças do texto literário? Indo além, essa *máquina de guerra* poderá ser o texto literário com as múltiplas aberturas para potencializar as forças de liberdade. Compete ao professor de literatura aprender a manejá-la apontando-a para os diferentes alvos e criando espaços para novos significados.

Outro texto que comunga com toda essa discussão é “A ordem de discurso”, de Michel Foucault(2002). Não porque o texto dele também foi resultado de uma aula inaugural, imitando um dos textos de Barthes neste capítulo discutido, mas pelo fato dessa *ordem ser alterada*. Foucault promove em seu livro um desmonte discursivo, sendo que ele já inicia a sua fala provocando ao dizer que tem gente que não sabe como começar ou teme esse começo, mas a instituição já aponta o discurso que deverá ser proferido.

Para Foucault é preciso, ao apontar as formas de “quebrar os rituais” evidenciando uma delas, “questionar a nossa vontade de verdade”. Ele chama a atenção do ouvinte/leitor para o tipo de ensino e discurso que se deve promover. Será que Foucault e Barthes com suas respectivas propostas também quebram com certos discursos arbitrários e institucionais? Por que não começarmos a desritualização do ensino pela literatura?

uma lacuna na produção desse belíssimo material distribuído nas escolas públicas da região, uma vez que houve entrevistas e registros fotográficos em diferentes instituições para coleta de dados.

⁹² Ver o site <http://www.ufrb.edu.br/ebecult/2012/04/19/da-escola-para-academia-projetos-estimulam-leitura/> acesso 08/05/2013, o texto é assinado pela estudante de Jornalismo(7º. Semestre) Juliana Rezende e já inicia dizendo que a professora “brinca com a literatura e leva as produções dos seus alunos de uma escola pública da cidade de Iaçua para a academia...”

Ao encerrar essa etapa, retomamos o discurso de Roland Barthes como meio de *reparação simbólica* e ao mesmo tempo perceber a necessidade de aliar-se a essa nova *ordem do discurso* no campo literário. É reconhecer que a literatura exala potência através das forças de liberdade, seja através da *mathesis, mimesis ou semiosis*.

2 ESTUDANTES ARTISTAS: DISSEMINAÇÃO DO DESEJO DE TRANSVALORAR

2.1 ARTISTAS SUBALTERNOS DRAMATIZAM: DESMONTE DA REGULAÇÃO LITERÁRIA EM ENSINO MÉDIO

Ano 2007, aula de Língua Portuguesa e alunos inquietos, 2º. ano de Ensino Médio, escola pública do interior da Bahia, na pesquisa representados como Estudantes-artistas do grupo “A”. Reclamação geral por conta dos textos solicitados para leitura e discussão, conseqüentemente seriam cobrados os resumos como documento comprobatório da leitura. Dois lados visivelmente opostos, divididos por um ou dois livros do século XIX, mas nenhum lado aceita a derrota: professora quer a leitura machadiana na ponta da língua e alunos resistem desbravar o “monótono e enfadonho” Machado de Assis.

De um lado a professora munida de estratégias pedagógicas para atender os planos de cursos, projetos pedagógicos e propostas curriculares, do outro lado alunos agarrados às táticas, fogem dos aprisionamentos literários, criando as linhas de fugas.

_ Vocês precisam fazer a leitura de Dom Casmurro! Já começaram a leitura?⁹³

_ Por que temos que ler esse texto? E se temos que fazer leitura, já estamos fazendo sim... E muito boa!⁹⁴

Enquanto isso era passada de mão em mão revistas que enfatizam a vida de artistas, resumo de novelas, entrevistas com astros globais, horóscopos, moda... Enfim, o que os artistas faziam eram acompanhados de perto por aquela turma de aproximadamente 30 alunos.

⁹³ Representação da fala da professora de Língua Portuguesa para alunos de Ensino Médio que diziam detestar leitura literária e resistir as estratégias utilizadas para aproximar texto de leitor.

⁹⁴ Transcrição da provável fala de estudantes, numa tentativa de dizer a professora que se a competência a ser atingida era leitura, eles estavam lendo, mas textos de interesses comuns.

Até os não leitores criavam laços com os adeptos das revistinhas para repassarem as informações sobre os atores e atrizes em destaques.

Naquele momento era transformar a “escola gaiola em uma escola asas” e se eles queriam acompanhar a vida e obra de artistas, poderiam também atuar dentro do campo literário como artistas da literatura, subalternos sim, mas invisíveis não! Como defende Rubem Alves,

Há escolas que são gaiolas e escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dá aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.⁹⁵

E a semente fora lançada:

_ Por que não mudar a cara desse “texto chato” para ajudar outros alunos a fazerem o mesmo ou melhor que vocês? Sabem como? Vocês terminarão em uma semana a leitura proposta há quase um mês e no sábado faremos uma grande oficina de desmonte, vamos desconstruir essa literatura e dá a ela outra cara, a condição: leitura e criatividade. Pensem de que forma vocês fariam para atrair leitores para esse “texto chato” sem deixar perder o conteúdo do livro. Formem grupos de estudos e tragam propostas interessantes, agilizem fazendo com que o livro seja circulado ou despertado o interesse de alguém... Sem esquecer os dois contextos: do ano de publicação e o atual.⁹⁶

*Dom Casmurro*⁹⁷ no dia marcado foi perdendo toda a reserva secular e ganhou outros signos e formas conforme o desejo de potência dos grupos reunidos na área do colégio. Cada equipe (às vezes em dupla ou trio), apresentara a leitura feita e uma proposta de desconstrução, nesta clara representação das falas que seguem:

_ Nosso grupo se identificou muito com a questão do estilo de época, e pensamos na moda de Capitu, Bentinho, Escobar... E pesquisamos as roupas do século XIX, acreditamos que se fizemos uma exposição de modas... Explorando as vestes de Capitu antes e depois de conhecer Escobar, o suposto amante, chamaria a atenção para a leitura...

⁹⁵ Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/rubem_alves/escolasgaiolaseescolasasas acesso 10 de abril de 2013.

⁹⁶ Representação da fala da professora ao perceber que nada adiantaria insistir naquele momento uma leitura contrária a vontade de todos os demais. .

⁹⁷ Livro de Machado de Assis traz a história de Bentinho e Capitu, casal apaixonados, separados pela desconfiança de uma suposta traição dela com o amigo do casal.

_ Nosso grupo após leitura, percebeu que o romance traz como personagem-narrador um homem, e achamos que ficaria interessante fazermos uma charge, mostrando que foi um homem a insinuar a traição da mulher, mas se fosse a mulher contar a história o enredo seria outro...

_ Nós só pensamos em fazer uma cartaz gigante bem chamativo com o resumo ...

_ Eu não participei dos grupos de estudos, mas fiz um horóscopo com base no comportamento dos personagens!

_ Eu também não pude participar, mas li o livro todo, e pensei em uma tira humorística do romance, unindo a meus colegas podemos fazê-la gigante também.

- Pensamos em transformar o romance em uma novela e fazermos as sínteses dos capítulos para seis dias da semana, como aparecem nos jornais, revistas...

_ Nosso grupo, após a leitura, fez uma entrevista com as pessoas do colégio que já leram o livro Dom Casmurro, nós pedimos que opinassem sobre a suposta traição de Capitu, inclusive entrevistamos também alguns professores... E pensamos em divulgar o livro através da entrevista, com gráfico, atualizar as discussões e trazer a definição do DNA...⁹⁸

Em todos os tempos a arte se fez presente na história da humanidade e consequentemente a serviço de alguém. Aliar-se literatura a arte pode ser um instrumento para a mudança de atitude, reflexão e ação diante da nossa realidade. Porém, a rapidez com que os fatos, resenhas, resumos são propagados na mídia e redes sociais acabam deixando o livro como um provável objeto “obsoleto” para muitos.

Com o Ensino Médio não é diferente e os estudantes cada vez mais procuram textos mais curtos e atrativos. É preciso provocar uma mudança de prática pedagógica para conseguir atrair a atenção e despertar o interesse para o livro em discussão. Um dos artificios utilizados para fugir dos aprisionamentos literários, aparece em forma de táticas, conforme Certeau (1998) uma “arte do fraco”.

E a festa do desmonte iniciou naquele dia de sábado, uma manhã inteira lendo, relendo e promovendo novas leituras. Ao sairmos daquela escola pública, na qual encontramos com estudantes-artistas do grupo “A” deixamos nas paredes nossas artes, um “Dom Casmurro” jamais visto. Nasceram os artistas da literatura desmontada! Criaram as linhas de fugas para

⁹⁸ Essa e as demais falas seqüenciais marcam uma representação das falas dos estudantes de Ensino Médio, 2º. Ano/2007, a primeira turma a registrar os desmontes literários feitos através da revista Perfil. A representação só foi possível graças a tradição oral e memória dos envolvidos, pois não se tem nenhum registro escrito nem gravado dessas falas no período da ocorrência.

escaparem das propostas fechadas dos manuais didáticos, modificando com isso, o cotidiano literário.

2.1.1 Entre as táticas e a intersemiose há um método rizomático de desmonte do signo

... nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento.⁹⁹

Leitura. Interpretação. Inventividade. Desmonte. Socialização. Releituras... Não há limite para a inventividade e nem para as leituras das táticas de desmonte com o signo literário. Cada produção coletada dos grupos “A” (estudantes de Ensino Médio) e “B” (estudantes de Fundamental II) nota-se as escapadelas do texto. E com isso, transforma cada texto em registro de identidade.

Se inicialmente havia certo constrangimento por parte dos estudantes em assinar as “próprias loucuras”, “os micos” divulgados nas paredes da escola, após alguns anos, há uma espécie de orgulho em fazer algo para divulgar de forma diferente aquele texto desconhecido para alguns, marcando uma mudança considerável de comportamento e afirmando com essa atitude, uma identidade que até então não era assumida.

É notória a multiplicidade de sentidos dados aos textos, apropriando-se dessa força de liberdade da literatura, segundo Barthes, *a semiosis*. A posição ocupada por essas produções, vem cada vez mais ganhando espaço desde a primeira edição da revista Perfil. E por mais obstáculos encontrados para implementação da proposta, os estudantes-artistas sentem-se empoderados com a condição de autores e em outras situações, co-autores que fazem dos textos instrumentos de afirmação de identidade, utilizando-se da literatura propagada como via de mudança. Como diz Santos(2002),

Possivelmente, apenas uma arte ou uma cultura tomada como *máquina de guerra* fez/faz/fará circular as forças ativas ou os elementos capazes de reengendrar uma desconstrução efetiva tanto de uma ética de repressão do corpo quanto dos discursos ou modos de representação de uma arte comprometida com os valores de uma cultura de dominação.¹⁰⁰

. Vimos a necessidade de mudança, no entanto muitos conhecimentos dos estudantes são ignorados por conta das tarefas de repetição que se constitui um dos métodos mais violentos na educação do país. Discentes passam um bom tempo decorando, através da técnica da memorização, mas sem nenhuma aprendizagem consistente. Bachelard(1996)

⁹⁹ DERRIDA, 2001, op. cit. p 32

¹⁰⁰ SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Salvador*: Quarteto, 2002.

defende que é preciso que “o espírito científico saia da contemplação e agir para dialetizar a experiência”.

Essa desconfiança com as cenas previamente aparentes e seqüenciais como acontece com o trato da literatura nos livros didáticos, impulsiona ir em busca de um desmonte, da “desarrumação de cenários”. Quem determinou que autor “X” precisa ser trabalhado antes de autor “Y”? E que escola literária “A” só poderá ser trabalhada nas séries também “A”? A curvatura das linhas impostas para o ensino da literatura precisa ser pensada.

É possível modificar a ordem do sistema educacional e inventar um cotidiano a cada aula? Como conquistar uma cultura para a libertação dos significados transcendentais e dos conceitos sedimentados se as escolas persistem em auretteizar o cânone como modelo ideal?

Ao pensar na teoria do múltiplo criada por Deleuze e Guattari (1995) encontramos o quanto uma produção precisa ser rizomática. Sem deixar ser reconduzida, ela não se encerra com o suposto final, mas abre outras linhas de fuga para se conectarem mais além com outras pontas. Assim, os autores iniciam a introdução “rizoma”:

Escrevemos o Anti-Édipo a dois: como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuimos hábeis pseudônimos para dissimular(...) Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades diferentes...Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.¹⁰¹

Conforme os autores citados, um livro precisa existir *pele fora e no fora*, com esses argumentos há uma conchamação para se produzir livros “platôs”, múltiplos, conectáveis como rizomas e capazes de se tornarem verdadeiras armas nas mãos dos leitores. O livro dentro dessa perspectiva torna-se uma máquina de guerra, revolucionária ou simplesmente do amor. Que “máquina” queremos apresentar para os estudantes? Ou melhor, quais “máquinas” podem ser construídas através dos desmontes linguísticos ao separar o signo do objeto? Questão já sendo desmontada ao longo desse texto.

Se o texto/livro literário é visto com austeridade por conta do formato, por que não modificá-lo e deixá-lo mais “atraente”? Não se combate o que não se conhece, o invisível. Conhecendo o texto, é possível perceber que ele não é tão “feio” quanto se imaginou, mas

¹⁰¹ DELEUZE e GUATTARI, 1995, op. cit p. 11

poderá torná-lo mais apreciável aos olhos de outros leitores que também foram “presos” pelo obstáculo da opinião.

A tarefa é árdua porque os micro poderes estão espalhados em todas as esferas de diferentes formas. Mas, segundo Guattari e Rolnik (2005) estamos vivendo uma revolução molecular tanto do corpo quanto do discurso, e essa revolução aparece nos gestos de nossas atitudes. A política da subjetivação está presente, e por que não apropriar dessa grande “máquina de produção de subjetividades” para implementar as ações singulares? Não precisamos de indivíduos normatizados, isso a cultura de massa já os fez. Mas há uma urgência de uma cultura libertária, com direito a singularidade em todos os níveis.

Ainda Guattari e Rolnik defendem que precisamos criar os próprios modos de subjetivação, na torcida de implosão de muros da subjetividade capitalista, da ignorância propagada, da alienação nas escolas públicas e outros muros, não tão visíveis quanto gostaríamos, mas servem de barreiras para o crescimento das ações singulares cerceadas em diferentes espaços.

Para implementar práticas singulares, porém significativas no ambiente de trabalho, o ponto crucial do ensino continua sendo a questão da leitura. É a falta de leitura grande causadora da evasão, indisciplina, violência, reprovação enfim, da desterritorialização no próprio ambiente escolar. Leitura aqui da própria existência, para inquietar-se: O que estou fazendo aqui? Como estou fazendo? Para que e para quem estou (des)construindo algo? Em quais pontos esse texto me toca/agride? Como esse material chegou até mim? Quem pagou essa conta para que essa informação chegasse até aqui? E mais uma série de indagações poderão ser levantadas.

Barthes (2001) discute o poder da língua, como ela pode influenciar os menos favorecidos intelectualmente. Indo além, ele diz “assim que é proferida, mesmo na intimidade mais profunda de um sujeito, a língua entra a serviço de um poder”. Barthes declara guerra intelectual contra os poderes sedimentados, pois não é fácil mudar o que está posto, não é fácil combater o plural, mesmo porque não é apenas corrigir algo político, mas também ideológico.

Já Certeau (1998) complementa:

A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua fragmentariamente, sem compreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. [...] O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo [...] pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar os

acontecimento para os transformar em “ocasiões”, sem cessar, o foco deve tirar partido das forças que lhe são estranhas.¹⁰²

As táticas adotadas por estudantes-artistas em consonância com a metodologia proposta para desmontar o texto literário, conseguem “vigiar o tempo para capturar o voo” e, nessa investida para a liberdade, os estudantes escapam de atividades rotineiras de leituras e alçam voos cada vez mais altos, modificando o cenário com as criações literárias expostas nas paredes da(s) escola(s).

No entanto as táticas utilizadas tornam-se aplicativos complementares às estratégias de leituras apresentadas nos manuais didáticos, sem serem contraditórios às propostas dos referidos manuais, pois em nenhum momento o livro didático é deixado em segundo plano. As táticas de invenção desse cotidiano literário complementam as propostas curriculares, planos de cursos e manuais didáticos, uma vez que os mesmos não dão autonomia para o “voo” dos estudantes.

Os artistas subalternos desmontam não apenas o signo linguístico identificado “literatura”, porém o cenário para atuação da literatura vem sendo desconstruído também. Com isso, as novas construções e desconstruções oriundas dos romances, contos, crônicas e poemas invadem os espaços escolares em outros gêneros: cartuns, cartas, bilhetes, charges, telas, cartazes, cordel entre outros.

2.1.2 A vontade de potência na arte da desconstrução com estudantes de Fundamental II

O conhecimento como instrumento de potência. É portanto, evidente que cresce a cada aumento de potência.¹⁰³

Que sociedade se almeja construir? É possível potencializar as ações para o fortalecimento do ensino da literatura que priorize a existência humana? As escolas precisam investir na potência de estudantes para emergir ações inovadoras e singulares. Muitos estudantes encontram-se deslocados no âmbito escolar, apesar das múltiplas identidades assumidas.

De imediato traz para a discussão a defesa de Hall(2006)¹⁰⁴ sobre o descentramento humano nessa sociedade pós-moderna em que vivemos. Com identidades plurais, o sujeito

¹⁰² CERTEAU, 1998, op. cit. p. 45-47.

¹⁰³ NIETZSCHE, 2010, op. cit. p.306

¹⁰⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11 ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

pós-moderno encontra-se fragmentado, descentrado por conta do declínio das velhas identidades opondo-se desse modo com a condição assumida pelo sujeito iluminista totalmente centralizado, unificado.

As “crises de identidade” impulsionaram o surgimento de novas identidades. Esse aspecto nada mais é do que um processo amplo de mudança, transformação, inquietação e arriscamos em utilizar o devir comportamental. Os métodos e as estratégias não atendem as inquietações humanas, as fórmulas não parecem tão eficazes. E como não fazer esse devir acontecer em sala de aula? Como não pensar em desmontar as estruturas que sustentam as propostas para o ensino da literatura em educação básica?

É interessante ressaltar como Hall (2006) aponta os descentramentos do sujeito como o grande passo para a transição do moderno e pós-moderno. Em suas palavras,

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno... A primeira descentração importante refere-se às tradições do pensamento marxista.¹⁰⁵

Assim como os escritos de Marx causaram descentramentos no sujeito, a descoberta do inconsciente de Freud também é apontada pelo teórico. No entanto, uma das grandes contribuições apontada por Hall e muito útil à esta pesquisa diz respeito ao trabalho estrutural do lingüista Ferdinand de Saussure em relação aos signos. Porque

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. Além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua.¹⁰⁶

A título de exemplo, na apresentação do cordel abaixo, percebemos como estudantes-artistas do Grupo “B”, (estudantes de ensino fundamental II) conseguem desmontar o signo lingüístico. O conto ganha conotações diversas e se desloca para o signo cordel. Isso se dá após a leitura de “A Cartomante¹⁰⁷”, conto de Machado de Assis.

¹⁰⁵ Idem, p. 34

¹⁰⁶ Ibidem, p. 40

¹⁰⁷ O conto A Cartomante de Machado de Assis traz como temática um triângulo amoroso, no qual um dos envolvidos recorre a uma cartomante solicitando orientação para as tomadas de decisão, uma vez que o esposo Vilela estava desconfiado da traição da esposa (Rita) com seu melhor amigo (Camilo). A cartomante ao ser

No século XIX surgiu/ Um conto arrepiante/ Feito por Machado de Assis/
Uma trama emocionante/ Prestigiado contista/ Escreveu “ A cartomante”.

Bem no Rio de Janeiro/ Onde tudo aconteceu/Em 1869 como Machado
escreveu/uma história bem antiga/Que conta relatos da vida/ De Camilo,
Vilela e Rita.

Em uma sexta feira/ Camilo e Rita conversavam/Discussiam o amor/ E as
coisas em que acreditavam/ Ela lhe falou da cartomante/ Ele duvidava, ria a
todo instante.

Camilo jurava que seu amor era verdadeiro/Rita tinha suas dúvidas/E não se
entregava por inteiro/ pois ainda era insegura/ As cartas de cartomante ela
voltava a consultar/A cartomante só se interessava pelo que iria ganhar.

De que Camilo a amava/ Isso ela já sabia/ Mas sempre voltava a perguntar/
Para as cartas que a iludia/ Nada acontecerá a vocês/ Era o que a cartomante
dizia.

Vilela desconfiado/Rita prestou atenção/ Contou para Camilo/ Que se
encheu de preocupação,/ Que não sabia o que fazer/ Com aquelas cartas na
mão.

Depois de tantos bilhetes anônimos/ Veio o chamado do vilão,/ Vilela o
convida/ Para ir a mansão/Camilo não entende e procura explicação/ Achou
na cartomante a única solução.

Foi em direção a casa de Vilela./ Uma carroça fechava a estrada; / Lembrou
que a cartomante por perto morava/ E saiu em disparada./ Passou por um
corredor sombrio/ E subiu a escada.

Camilo bateu à porta/ A cartomante o atendeu,/ Falar por alto ele resolveu./
A cartomante em uma frase o envolveu/ Você quer saber o que acontecerá/
A mim e a ela, ele respondeu.

As cartas diziam,/ Nada iria acontecer/ Camilo saiu de lá/Achando que
Vilela nada iria fazer,/ Camilo chegou a mansão/ E sentiu estremecer.

Eles foram até uma pequena sala./ Vendo Rita morta/ A voz de Camilo se
cala/ Depois de um grito de horror/ As cartas diziam...será?/ A morte é fácil,
lenta não podemos evitar.¹⁰⁸

procurada, após receber o pagamento, tranquiliza a jovem esposa, que tem um final trágico, juntamente com o seu amante. Ambos são assassinados pelo esposo traído.

¹⁰⁸ Cordel “A cartomante” baseado no conto de Machado de Assis. Resultado de desmonte literário feito por uma estudante-artista (8ª. série/2009) pertencente ao grupo B, publicado no caderno literário “A Dinâmica em nossa vida”/2009, p. 15. O mesmo atende a proposta do Projeto: Cultura Popular desenvolvido na Unidade de Ensino da rede particular no município de Iaçú no referido ano, tendo como objetivo transformar romances e contos em cordel. Além dos desmontes como conto de Machado de Assis, outros contos e romances como: “Senhora”, de José de Alencar, “Atrás da porta”, de Ruth Rocha e “O medo e o relógio”, de Carlos Drummond de Andrade foram também contemplados na página seguinte do referido caderno literário.

Há vontade de potência em cada ação realizada porque são grandes os obstáculos enfrentados, desde a resistência à leitura até às dificuldades para a aquisição do romance\conto utilizado. Geralmente cópias do material são distribuídas para os grupos formados para as leituras, discussões e desmontes. Há registro de “Gincana do Livro Literário¹⁰⁹” para implantação de biblioteca da escola. Como aconteceu em 2009 na escola do grupo B, recebendo a doação de 338 exemplares de literatura infanto-juvenil.

A escolha desse texto se deu por estar publicado no caderno literário “A Dinâmica em nossa vida”. Quantas leituras os estudantes fizeram até chegarem a esse resultado?

E mais uma vez é pensando em Nietzsche (2010, p. 281) ao afirmar “a essência mais íntima do ser é a vontade de potência que todo crescimento de potência é prazer.” E como a todo instante estamos pensando em proporcionar leitura prazerosa e divulgá-la, vejamos como o conto de Ruth Rocha intitulado “Atrás da porta” poderá ser lido:

Preste muita atenção
Do que agora vou falar
De uma história interessante
Que você vai se arrepiar.

Um conto de Ruth Rocha
Que não fala de gente morta
Mas é cheio de mistério
Chama-se “Atrás da porta”.

Todos ali pensavam
Que naquele casarão
Era muito bem habitado
De muita assombração.

Tinha um menino curioso
Que gostava muito de ler
Para ninguém desconfiar
Esperava anoitecer.

Ele e seus amigos
Com velas acesas na mão
Ficavam lendo os livros
E não tinham medo não.

...

Aqui termina meu cordel
Com um final emocionante
Vocês concordam comigo?

¹⁰⁹ Projeto que mobilizou toda a comunidade escolar, sendo que a turma que mais arrecadou livros ganhou uma festa promovida pela direção e coordenação, informação p. 2 no caderno literária “A Dinâmica em nossa vida

Foi uma história fascinante.¹¹⁰

Assim como o cordel, há telas, histórias em quadrinhos, poemas, paródias, contos curtos e muitos registros fotográficos de peças teatrais com base nos romances e contos lidos e desmontados. O texto a seguir chama a atenção pela criatividade dos estudantes, após pesquisarem lendas, transmutaram-nas para quadrinhos com a linguagem não-verbal.

Vale ressaltar que as narrativas produzidas ocuparam os murais da escola e atraíram visitantes para uma leitura prazerosa. Confira a figura 4 o resultado da lenda do “Boto-cor-de-rosa” retirada do caderno de literatura “A Dinâmica em nossa vida” /2009, p. 18:

Figura 4



Na referida página consta que a atividade teve como objetivos: “Promover a leitura, pesquisa, discussão e produção de lendas brasileiras e locais” bem como “Elaborar um livreto contemplando as produções, análises e pesquisas sobre as tradições do nosso país” e “Eleger o cartaz mais criativo através de uma eleição democrática”.

Nesta Unidade de Ensino, o desmonte literário conseguiu atingir todas as disciplinas e turmas de educação básica. Segundo os registros da coordenação pedagógica, a cada projeto a ser implementado na escola, o professor recebia sugestões de leituras e ações para adaptarem

¹¹⁰ Produção de um estudante de educação básica(5ª. série) do grupo B. publicado no caderno literário “A Dinâmica em nossa vida” 2009, p. 18.

aos conteúdos programáticos. Por conta disso, encontramos nos cadernos analisados, histórias em quadrinhos com experiências científicas, como a do “vulcão”, “meio ambiente”, peças teatrais em inglês com “Romeu e Julieta” e muitas outras desconstruções ocorridas no período analisado – 2009 /2010.

Com isso, fecha-se esta etapa utilizando-nos de Nietzsche(2010, p.383), afinal “Toda significação é vontade de potência... vontade de potência é um apetite insaciável de manifestar a potência.”

2.2 A LITERATURA ARTE COMO INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO

A literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior¹¹¹.

Conforme Deleuze e Guattari (1997) a literatura menor é impregnada de política e até o simples ato dela “existir é revolucionário”. Se numa literatura menor tudo é político, significa dizer que não há um acaso para sua existência. Ela por si mesma invade os espaços desterritorializando-os com a sua presença. Metamorfoseando-se a cada investida e escapando-se incontrolavelmente de segregação. Com isso,

Os talentos não abundam em uma literatura menor(...) esse estado de raridade do talento na verdade é benéfico, e permite conceber outra coisa que não uma literatura dos mestres: o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.

¹¹²

Quantas obras literárias saem dos guetos? E outras tantas continuam em espaços segregados pelas instâncias de poder que insistem em determinar uma ordem de discurso a ser seguida. A seguir veremos os artistas da literatura.

¹¹¹DELEUZE e GUATTARI ,1977,op.cit. p.27

¹¹² Idem. p. 27.

2.2.1 Artistas da literatura, sim!

A obra de arte sempre foi reprodutível ¹¹³

A epígrafe de Benjamin mostra a reprodutibilidade técnica da arte e desse modo o produto feito poderá ser copiado e refeito por outro homem. E o que isso significa? Ao enxergar a literatura como uma arte de escrever, os escritores são artistas, que pintam a própria existência através das suas produções, a vida pensada e pintada como uma obra de arte.

Que arte queremos pintar para nossa vida? Poderá ser uma indagação primeira, seguida de: a arte poderá ser inserida na esfera política como uma ação afirmativa de identidade? Essas inquietações serão discorridas nesta etapa.

Benjamin (1994) consegue visualizar a evolução da arte. Ao abordar o fim da aura, abrem-se possibilidades de propagação de uma arte revolucionária na política artística, livre das amarras canônicas através da reprodução técnica da obra de arte, vejamos

A obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens.(...) a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história(...) através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reprodutível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita. ¹¹⁴

A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Através da literatura podemos colocar em prática a arte de escrever. E é comum ouvir o discurso que estudantes da educação básica não escrevem porque não sabem escrever. O que é chegar ao último ano do Ensino Médio e não “saber escrever”? Há uma lacuna neste discurso que precisa ser preenchida. O não saber é desconhecer o discurso propagado pela instituição escolar ou resistir a ele criando *táticas* para ressignificá-lo? Quem são os estudantes? A resposta vem a seguir.

¹¹³BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica. In: **Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história e cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 166

¹¹⁴ Idem, p. 166

2.2.2 Somos o que queremos ser

Nossos valores são interpretações introduzidas por nós nas coisas.¹¹⁵

O desejo de construir algo novo e atraente está presente em cada oficina de produção promovida pela disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Com isso a inovação ganha espaço, como defende Jameson (2004) e a arte tem uma missão política no capitalismo tardio. Dentro desse campo de força que é o Pós-modernismo, os impulsos culturais de produção tem que encontrar o caminho. E esses estudantes cada vez mais estão sustentando a identidade defendida.

No entanto é nesse desejo de afirmação de identidade que o importante papel do professor é destacado, peça principal para que ocorra o rompimento com a tradição e a inventividade e criatividade prevaleçam nas aulas, segundo Gallo(2011),

Ensinar, portanto, é uma tarefa difícil, para qual não temos respostas absolutas e predefinidas. Os caminhos precisam ser descobertos ou inventados a cada dia, em cada sala de aula, com cada aluno. O que funciona com alguns não funciona para muitos outros. O que produz bons efeitos hoje, talvez não produza amanhã. O sucesso de hoje pode ser o fracasso de ontem, e vice-versa.¹¹⁶

Ainda Gallo vai defender o professor artista para além da transmissão, e embasado em Deleuze a respeito ao ensino vinculado aos signos diz:

Se tudo que ensina emite signos, podemos então dizer que o professor é um emissor de signos. Só que o aprendizado não depende dele; é preciso que cada estudante se torne sensível a esses signos _ pois só assim o aprendizado poderá acontecer. De algum modo, podemos fazer uma analogia poética entre o ensina e aquele poético gesto de colocar mensagens em uma garrafa e jogá-las ao mar. O professor emite signos _ as mensagens na garrafa lançada ao mar _ mas não sabe se os signos lançados serão encontrados por alguém.¹¹⁷

Se todos os estudantes encontrarem as “mensagens da garrafa” só o tempo dirá. Em espécie de *flash*, trazemos um pouco do panorama desses estudantes que insistimos em chamá-los de artistas. Grupo anualmente inovador, inicialmente não se identificava para evitar

¹¹⁵Nietzsche, 2010, p.311.op. cit.

¹¹⁶ GALLO, 2011, op. cit.p.17

¹¹⁷ Idem, p. 19

“constrangimentos”, os cartazes eram expostos com pseudônimos ou anônimos. O tempo passa e os estudantes envolvidos fazem questão de assinarem as próprias produções, mesmo sabendo que não há obrigatoriedade, não se incomodam com o que pensam sobre as produções desmontadas, como disse um entrevistado: somos o que queremos ser.

2.3 SUBJETIVIDADES E MICROPODERES DE UMA LITERATURA MARGINAL

É interessante retomar a discussão de Guattari e Rolnik(2005) acerca das subjetividades coletivas, na qual ao direcionar para a função docente, afirmam que todos que desempenham essa atividade encontram na encruzilhada a política e a micropolítica. Como escapar desses poderes? Como romper com essas linhas divisórias que deixam em lados opostos a criatividade e inventividade.

Os autores acima referidos dão opções de rupturas, pois há alternativas a serem seguidas. Trabalhar assumindo a alienação e reproduzindo o jogo dos modelos ou buscar alternativas nas ações singulares. Essa singularização de subjetividades poderá circular de várias maneiras. Ao pensar nas produções dos estudantes de educação básica, por exemplo, é visível as expressões singulares expostas nos textos, unindo a literatura lida a outras dimensões criadas. E o “jogo” apresentado no livro didático é modificado, rompido sem, no entanto, ser descartado.

O ponto de partida desses estudantes da educação básica é o material didático e os livros dispostos na biblioteca escolar, que na sua maioria não atende aos anseios dos leitores. As subjetividades são modificáveis conforme interesses, etnias, gênero, faixa etária... Mas são essas subjetividades que impulsionam ações singulares capazes de modificar a ordem do dia.

E a literatura marginal neste caso específico, oriunda de uma prática da intersemiose aliada à desconstrução linguística, usa as táticas inventivas de estudantes de educação básica sem a pretensão de normatizar, mas criar outras formas de se pensar o ensino da literatura. Essas linhas de fugas criadas descentralizam as propostas didáticas de cunho literário e abrem conexões com outros gêneros textuais sem perder o contato com o texto original. Com isso, o pensamento logocêntrico vai sendo combatido, evidenciando em cada prática a diferença, teoria defendida por Derrida.

Em nenhum instante estamos pensando em apontar receitas, modelos ou fórmulas para formar leitores, como diz Gallo(2011, p. 22) “Para ser professor, é necessário preparar-se, educar-se.” Indo além, ratifica ao se referir o professor que vai além da transmissão “O

professor artista é aquele que, convidado ao encontro, emancipa ou ao menos coloca em jogo as forças da emancipação intelectual.” E o estudante artista?

O estudante-artista aceita o convite do encontro e desmonta-o. O estudante-artista é capaz de transformar o romance numa anedota, numa receita sem no entanto, prescrevê-la. Ele faz sua arte em verso e do reverso ele convida o leitor. São esses artistas que desmontam e remontam o cenário da educação. São eles que na ausência de uma biblioteca equipada ou de proposta interessante nos manuais didáticos, utilizam-se muitas vezes dos fragmentos de texto e passam de uma série para outra e o fragmento ganha outras interpretações.

Como exemplo, o escritor Lima Barreto é bem presente nos livros didáticos do 3º. ano de Ensino Médio, com ênfase na obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”.¹¹⁸ Primeira ação é “conhecer” o Barreto apresentado nos livros didáticos para em seguida buscar outras leituras sobre o escritor. A partir do perfil criado, os artistas entram em cena para “pintar” o Lima Barreto. Assim a “literatura marginal, de um escritor negro com problemas mentais, alcoólatra, de escrita pobre e difícil relacionamento” dão lugar aos desmontes em diferentes séries, para novas informações sobre o escritor pesquisado.

Nas figuras 5 e 6 apresentam dois dos dez textos pesquisados do escritor Lima Barreto por estudantes-artistas do Grupo “A”.

Figura 5



Figura 6



A figura 5 é representada pela equipe que pesquisou o romance “Triste fim de Policarpo Quaresma” e a figura 6 trata-se do resultado da pesquisa do conto “O homem que sabia javanês”. Além dos pôsteres, foram produzidos também charges e poesias, todas

¹¹⁸ O romance “Triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto relata a história de um funcionário público nacionalista, apontado pelos colegas como visionário, é discriminado ao defender seus ideais de nação brasileira. Policarpo traçou três projetos para mudança da pátria: lingüístico, agrário e político, no entanto foi fuzilado sem vê-los realizados. Um dos livros analisados diz que “Lima Barreto (1881-1922) têm muita crônica, gênero que exercitava como jornalista... devido a pouca popularidade do autor, parte de suas obras só foi publicada em livro postumamente.”

socializadas nos murais do colégio conforme as figuras 7 e 8 publicadas na revista Perfil do ano de 2011. A revista literária do Lauro Farani foi uma realidade ou talvez ousadia, mas a semente fora plantada e outras revistas, coletâneas e cadernos literários surgiram: *A Dinâmica em nossa vida* (2009), *Coletânea do Lauro Farani*(2009), *Lauro em Foco* (2010), *Perfil: o Lauro em foco*(2012).

Perfil: revista literária do Lauro Farani(2007-2011) muito ajudou na formação de leitores em diferentes épocas, bem como na afirmação de identidade, pois a sua implantação em uma escola pública refletiu desde os primeiros exemplares o desejo de mudança desse cotidiano literário que por anos se reproduz nas escolas. E desmontar a literatura foi o primeiro passo dado para uma possível modificação desse cenário.



Figura 7

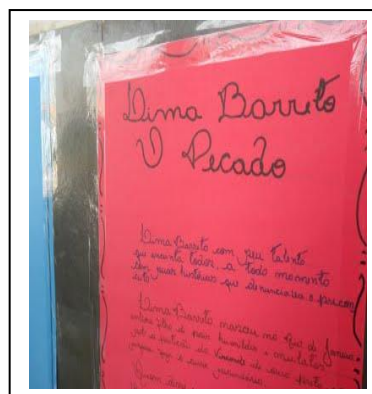


Figura 8

Na figura 7 aparecem as charges e cartazes de combate ao preconceito racial criadas a partir do conto analisado, e a figura 8 mostra a representação poética da história de Lima Barreto relacionada aos contos e a biografia do escritor.

Estas imagens refletem desejo de mudança. Um desejo que nasce da vontade de criar autonomia pois de forma singular os grupos ao longo dos anos de investimentos vão conquistando esse status. Ao pensarmos em Guattari e Rolnik (2005, “é preciso proclamar um direito a singularidade no campo de todos os níveis culturais” e, é preciso também fazer com que a cultura saia das esferas cercadas em si mesma. É o começo, poderá não ser a solução, mas a conquista de leitores está ocorrendo.

Independente das práticas de reversões, a literatura-arte saiu das quatro paredes de uma escola pública e ao mostrar a criatividade de estudantes marginalizados, desconstruem-se mitos sobre a leitura de Ensino Médio. Um dado relevante da pesquisa foi a falta de registro de atitude agressiva contra cartazes expostos durante o ano de 2013. E isso é mudança!

2.3.1 Por uma dessacralização da linguagem literária. Jura?!

Como os dispositivos se manifestam nas instituições públicas ou privadas? Cada vez mais ocorre o engessamento humano e muitos nem se dão conta, naturalizando a biopolítica e o despotismo. Há uma necessidade urgente de politizar a vida e esvaziar os conceitos de sacralidade. Será que as propostas “sacras” literárias não contribuem para distanciar o ensino dos estudantes?

Giorgio Agamben(2011) apresenta um cenário político, no mínimo inquietante. Utilizando-se de pesquisas bibliográficas, Agamben faz arqueologias filosóficas e científicas dando um outro olhar para a política e a sacralização, seja do homem, vida ou da própria linguagem. O panorama mostrado pelo pesquisador não é de normalidade, pois há direitos cerceados, nos quais a solidariedade é esvaziada, tendo uma necessidade urgente de repensar estado e direito. Isso sem perder de vista uma arqueologia do juramento, já que a linguagem apropria-se de várias formas de garantir a verdade e sua eficácia através dele. Como?

Juramento não tem a ver com o enunciado como tal, mas com a garantia da sua eficácia: o que nele está em jogo não é a função semiótica e cognitiva da linguagem como tal; mas sim a garantia da veracidade e da sua realização.¹¹⁹

Conforme Agamben, a sacralização da vida está unida com a sacralização da linguagem. No entanto quando a sacralização da linguagem prevalece será que os direitos humanos são respeitados? Vivemos em um estado de direitos ou de exceção? Até que ponto as escolas não estão entrelaçadas nas teias ditatoriais perduradas nas linguagens das propostas pedagógicas fechadas e repetidas nas atuações docentes? Tais questionamentos instigam a almejar mudança, em se tratando do ensino da literatura, uma dessacralização da linguagem.

Os estudantes estão cada vez mais conectados através dos aparelhos celulares, enquanto as escolas não acompanharam essa evolução que vai além da tecnologia, mas cultural e política. As leituras estão presentes na vida deles, porém as políticas públicas para fomentá-las e dá substância continuam com ações tímidas. E saem do desejo, da vontade de cada professor que não professa, mas que dramatiza as suas inquietações e alia-se aos estudantes com intuito de proporcionar um ensino de literatura diferente com a teoria da intersemiose _ a ciência dos signos_ E assim, apresentaremos a seguir os cadernos criados por estudantes da educação básica nos quais as desconstruções dos signos circularam entre o período de 2007-2011.

¹¹⁹ AGAMBEN, 2011, op. cit. p. 12

3 A CRIAÇÃO SUBALTERNA EM EDUCAÇÃO BÁSICA E SEU DESMONTES: O PASSEIO E O RETORNO À LITERATURA

3.1 DESMONTANDO A LITERATURA, EIS UM PERIÓDICO LITERÁRIO!

O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas.¹²⁰

Em Deleuze(2009) é possível concatenar todo o devir ilimitado da linguagem. A mesma capaz de fixar os limites, criar as fronteiras trabalha também na ultrapassagem dessas linhas divisórias. Uma linguagem que opera paradoxalmente, com a mesma intensidade que combate o bom senso como “verdades” absolutas é capaz de desconstruir o senso comum com a fixação de sentidos.

No ensino da literatura há muito a ser reparado. Pensando nessa “estranha ideia de reparação” bem como nas ordens de “despejo lingüístico”, tomamos como exemplo a justificativa dada por Santos (2011) no Editorial do Jornal Heterotopia;

Primeiro que com a descoberta do signo_ nos nomes das coisas são arbitrários, seus sentidos construídos historicamente e de que não há verdade absoluta, nem lógica binária que resista a força de um paradoxo – todo o poder que emanava de um sujeito, de uma instituição, de uma cultura, se tornou um lugar vazio ou esvaziável. Ou seja, se a existência precede à essência, toda e qualquer essência _ enquanto espaço de construção simbólica – deve ser o primeiro horizonte de luta reparatória: que marcou esse ou aquele corpo (de uma pessoa, uma tribo, uma cultura) sob que contexto: em que medida tal questionamento implica a abertura de uma série cartográfica, a instalação de uma práxis e uma transvaloração de valores.¹²¹

Notamos que a atitude política de estudantes de educação básica em 2007 ao rejeitar as leituras sugeridas, na época vista como “rebeldia da turma”, serviu de âncora para a desconstrução do texto literário. Os alunos queriam uma literatura diferente, um ensino com várias vozes. Dessa ação estudantil resultou o projeto “A Dinamicidade da língua” com o propósito de trabalhar os diversos gêneros textuais a partir do texto literário dentro de uma proposta interdisciplinar.

¹²⁰ DELEUZE, Giles. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectivas, 2009. p.3

¹²¹ SANTOS, 2011, op. cit.

Desde então, o projeto interage com outras disciplinas e o resultado foi a produção de um periódico literário (2007-2011), com publicação anual, enfatizando os desmontes possíveis com a literatura. Enquanto a primeira edição (2007) foi publicada uma história em quadrinhos com o romance *Iracema*, de José de Alencar, a segunda edição (1998) com a efetiva participação de cinco professores de Língua Portuguesa e apoio maciço da equipe gestora foram divulgados quatro romances em quadrinhos, a saber: *O guarani e Senhora*, ambos de José de Alencar, *As pupilas do Senhor. Reitor*, Júlio Dinis e *Inocência*, de Visconde de Taunay. Isso se deu após leituras, interpretações e dramatizações lingüísticas e literárias dos romances destacados para os desmontes acontecerem.

3.1.1 PERFIL: revista literária do Lauro Farani

Vontade de potência será uma variedade de vontade ou de desejo?¹²²

Vontade é querer, sonhar com o objeto de desejo. Neste caso, a vontade maior de um pequeno grupo era escapar das propostas pedagógicas, tornando o livro didático um objeto rejeitável. Dessa vontade, criaram táticas inventivas para melhorar as estratégias de leituras, já que os textos sugeridos eram apontados como “aborrecidos e sem graça”. As oficinas intensificaram o envolvimento dos estudantes, bem como a riqueza do material didático construído. Graças aos esforços coletivos (professores, gestores, estudantes) para concretização desse desejo, temos os registros de textos desmontados envolvendo diferentes séries, professores e cursos. Eis o periódico literário!

No final do ano 2007, foi lançada a primeira edição da *Perfil* para uma turma orgulhosa das produções feitas durante o ano letivo e estampadas no periódico. Aproximadamente 30 exemplares foram vendidos para professores e estudantes, sendo alguns sorteados pela direção da unidade de ensino. A primeira capa (fig 9) exhibe os leitores e pesquisadores conquistados arduamente. A figura 10 apresenta a capa do último lançamento da revista com o foco no desmonte literário; nela aparece a desmontagem literária através do grafite pintado no muro da escola: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Gabriela*, de Jorge Amado, *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *Os sertões*, de Euclides da Cunha enfeitam o muro e informam aos transeuntes das proximidades da escola sobre as referidas obras.

Vale salientar que a *Perfil: revista literária do Lauro Farani* foi a primeira da referida escola a evidenciar a desconstrução literária feita pelos estudantes. E ela foi de sobremaneira importante para que outras revistas, cadernos e coletâneas surgissem. Identificamos na

¹²² Nietzsche, 2010, op cit. p 269

manchete da capa/2007, o destaque dado a suposta traição de Capitu, enquanto a capa/2011 os grafites pintados no muro do colégio serviram para evidenciar o papel de cada um numa escola pública com o título: “A escola que pintamos é a que construímos.”

Confira nas imagens seguintes as referidas capas anunciadas:

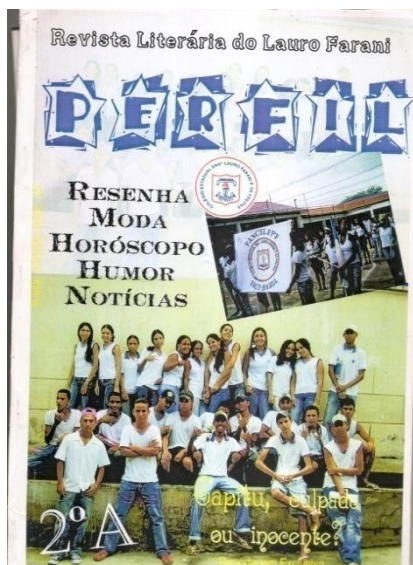


Figura 9

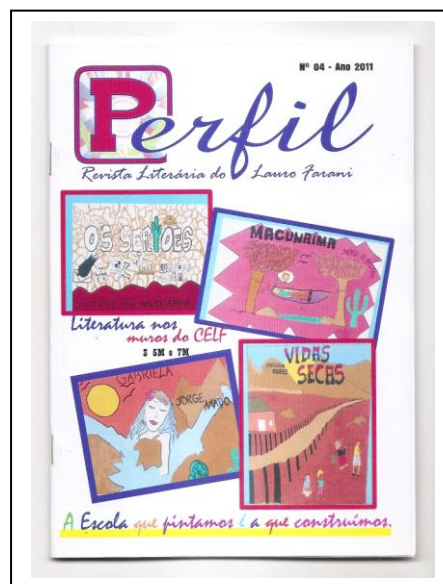


Figura 10

3.1.2 A DINÂMICA em nossa vida: fruto da revista Perfil

Em 2009 uma escola da rede particular, localizada no município de Iaçú, Bahia, conheceu o projeto da revista Perfil, bem como o avanço significativo nas leituras em todos os níveis e séries. E por que não adaptar para as realidades da unidade de ensino? Assim, abraçado por todos da unidade de ensino, surgiu “A DINÂMICA em nossa vida” em forma de cadernos literários e também em *blog*.

O projeto foi pensando para atender estudantes do Fundamental II porém, teve uma aceitação tão positiva que se estendeu para o Fundamental I. Na primeira edição (2009) teve como capa (fig.11) os estudantes de diferentes séries e no ano seguinte, a capa (fig 12)

apresentou um painel produzido coletivamente, com pinceladas de cada série do Fundamental II da referida escola.

Em proporções menores o desmonte ocorreu e o caderno literário durante dois anos consecutivos foi publicado. Mas, o envolvimento de todos no projeto foi fundamental, para criação de cordel, poesia, varal de leituras, biblioteca na escola, teatro e muitas outras ações feitas no período de implementação do projeto. Confira as capas anunciadas.



Figura 11



Figura 12

Os cadernos literários “A Dinâmica em nossa vida” tiveram produções tão marcantes quanto a revista Perfil. Uma experiência registrada através de depoimentos dos próprios estudantes. E assim, no tópico a seguir, a ênfase é para as falas desses estudantes.

3.2 FATOS & RELATOS: ESTUDANTES SOLTAM O ‘VERBO’

Muito se discute o gosto pela leitura. O texto poderá ganhar status diferente, sendo texto de prazer e texto de fruição. Conforme Barthes (1974, p. 49), o texto de prazer é aquele capaz de encher de contentamento e provocar a euforia sem romper com a cultura devido a ligação confortável com a prática de leitura. Já o texto identificado pelo pesquisador como texto de fruição, causa um descontentamento porque ele coloca o leitor em uma situação de

perda. Isso se dá porque “faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.”

Pensando em descobrir o percurso teórico-metodológico adotado por estudantes ao utilizarem-se da desconstrução do texto literário, foi aplicado questionários com perguntas abertas durante o mês de novembro de 2013, à estudantes de Ensino Médio, Agropecuária e Proeja do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas e egressos que já participaram de oficinas de desmontes.

Os métodos usados pelos estudantes para a aquisição de informações e busca de sustentação teórica para os desmontes são diversos e apontam uma variação conforme a criatividade de cada grupo. O primeiro contato com o texto foi apontado o livro didático, seguido de sites de relacionamentos para troca de informações sobre o texto pesquisado, entre outros mais citados, encontrando referências à cultura, educação, biblioteca virtual, ciência, moda, humor, esporte e fofoca. Além dos recursos tecnológicos digitais, os jornais e revistas de diferentes gêneros foram identificados pelos entrevistados como instrumentos de pesquisas.

Os depoimentos apontam leituras prévias sugeridas em sala de aula, espaço da produção, no qual muitos textos poderão surgir. Vale lembrar que texto aqui é defendido sob os créditos da teoria barthesiana(1974,p.23) como “prática significativa que se isenta das condições normais de comunicação e significação e institui um espaço específico onde se redistribui a ordem da língua e se produz uma determinada significância.”

Em todos os registros coletados, havia uma exaltação da importância da leitura, mesmo alguns afirmando não gostar de ler, mas não negaram as vantagens de ser leitor(a). E uma das questões investiga a noção de leitura defendida por estudantes de educação básica. De forma seqüencial apresentamos cinco fragmentos de respostas retirados de textos escritos de forma dissertativa sobre a importância da leitura na vida de cada um. As opiniões se complementam quando os entrevistados estão na mesma faixa etária, série e curso, porém há divergências quando ocorre uma variação desses três elementos.

Estudante 1: “A leitura é uma outra forma de ver a vida. Como dizia meu avô: “quem não sabe ler é cego!”

Estudante 2: “...Leitura é uma viagem sem sair do lugar.”

Estudante 3: “ ... para ser feliz só é preciso ter bons livros e uma boa leitura. Porque através da leitura viajamos o mundo e atravessamos fronteiras, tudo isso sem sair do lugar e sem gastar nada, apenas lendo. Leitura é terapia para a mente.”

Estudante 4: “Leitura é bom para que a gente aprenda a respeitar as opiniões dos outros. Não gosto de ler, apesar de saber que ela ajuda nossa vida e só faz bem.”

Estudante 5: “Leitura é algo muito importante na vida do ser humano, ela nos leva ao mundo de fantasias e a realidade, torna-se um mundo fantástico como uma viagem sem hora para voltar”.

As opiniões desses estudantes deixam transparecer a importância da leitura para conseguirem ir além do que está escrito no texto. Porque eles sugerem fazer “essa viagem” através dos textos literários e apontam a leitura como base para “atravessar fronteiras”. Percebemos nos textos de estudantes mais jovens uma incidência de frases prontas, como se houvesse uma necessidade de causar impacto. No entanto, na resposta do estudante 4 fica claro que mesmo não gostando de fazer a leitura, percebe que através dela se aprende “respeitar a opinião dos outros”. Isso é um dos pontos altos das oficinas de desmontes, pois cada grupo precisa ouvir o outro para aprender algo novo em relação aquele texto lido.

Observamos como as palavras “fantasia” e “viagem” representam a noção de leitura que os alunos incorporam. Talvez, por pensar no texto de prazer e não de fruição.

Do mesmo modo estudantes de diferentes modalidades de ensino sentiram-se à vontade ao escreverem sobre os primeiros passos para desconstrução de um signo literário e passar de uma série discursiva literária para uma outra. Para tal, utilizamos depoimentos de estudantes de diferentes idades, épocas, séries e cursos, contando com a contribuição de egressos, profissionais que não estão atuando na área da educação.

Estudante 1: “Toda desconstrução(literária) tem como base a leitura. Primeiro do texto solicitado que vou chamá-lo de texto básico, aquele do autor verdadeiro, depois nos perdemos na fantasia, porque quanto mais lemos mais descobrimos coisas e aquele texto básico vai ganhando novas formas. As pesquisas quase todas são feitas através de internet em sites diversos, porque buscamos desde a biografia do autor, comentadores do texto, resenhas até as imagens que combinam com o texto. Enfim, com as pesquisas aumentamos o conteúdo, pois se tínhamos inicialmente um texto agora temos vários em nossa frente. Quanto mais lemos mais temos condições de apresentar um novo texto daquele que achávamos chato...”.

Estudante 2: “Bem, é uma boa pergunta ‘como passamos de uma série para outra?’ E a resposta é simples e curta. O que nos move: a curiosidade, investigação e desafio. Sempre

uma equipe não quer fazer feio diante da outra e para que isso não aconteça todos precisam colaborar. Primeiro, vamos a biblioteca da escola, geralmente não encontramos muita coisa, depois pesquisamos aleatoriamente na internet o que já escreveram sobre o texto que já lemos. E cada um do grupo tem uma missão: pesquisar algo interessante sobre a obra e trazer sugestões de como desmontá-la. E nas oficinas ocorrem justamente isso, hora de colocar em prática as nossas pesquisas misturadas com a criatividade. Assim, um conto bem conhecido como “Chapeuzinho Vermelho” por exemplo, deixa de ser infantil e apresenta outras formas de enxergar os lobos atuais e atuantes na sociedade...Assim, podemos a partir do conto produzirmos poesias, outro conto, peça teatral, lenda... Tudo modificado. A peça teatral é o que mais gosto, adorei pegar o romance Vidas secas e junto com os colegas fazermos aquela peça teatral “ Zé Ninguém”.

Estudante 3: “...por mais que muitos não gostem é essencial para todos nós ler além do livro. Buscar jornais, resenha crítica de filme... A leitura é importante para nossa formação, porque quanto mais aprofundamos sobre algo não vamos abaixar a cabeça para ninguém... Pelo menos é o que quero!”

Estudante 4 – “... Depois da leitura de resenhas ou resumos sobre aquilo que já lemos tudo fica mais fácil. Até quando fala algo no jornal da TV sobre um escritor que já conhecemos ficamos sentindo importantes diante das pessoas que não sabem. E quando já pegamos obras daquele escritor e já desmontamos, parece que crescemos aos olhos dos outros. O desmonte que mais gostei de fazer foi do conto de Dona Chica (Raul Bopp). Porque ao ler o conto, todos do grupo se preocuparam em pesquisar sobre a discriminação racial, o preconceito, a escravidão e a escravização moderna. Foi interessante ver um conto ser transformado em peça teatral mostrando outras formas de violências... Apesar de achar que a poesia feita por outro grupo ficou melhor...”

Estudante 5 – “... já faz um tempinho que participei de oficinas de desmontes, mas todas são lembradas com carinho, pois tenho registros da festa que fazíamos... Lembro-me da desconstrução que fizemos de “Chapeuzinho Vermelho” ao tirarmos a garotinha ingênua da floresta e trouxemos para a cidade para conhecer os lobos maus. Naquela época não tinha a facilidade do computador e internet que temos hoje, e a nossa fonte de informação era na base dos jornais, revistas, televisão... E nós naquele tempo(2000) já estávamos trabalhando com a intersemiose sem saber, pois conseguimos mostrar os vários sentidos de um texto... E ainda dramatizamos as nossas produções.”

Estudante 6 – “... ‘Uma esperança’ conto de Clarice Lispector foi para mim a produção mais importante desse ano de 2013, porque pela primeira vez vi um texto se desmanchar todo em minha frente. Inicialmente, pensei que não ia levar para lugar nenhum a sugestão da professora, e confesso aqui, não me preocupei em pesquisar nada sobre Clarice, porque achei o texto dela muito bobo, ficar bagunçando a nossa mente para falar da esperança, às vezes pensava que ela falava de uma coisa e era outra... Mas, ao chegar aqui no colégio e vi os colegas falando sobre as curiosidades da vida da escritora, usei o celular e pesquisei também. E optamos em transformar o conto em poema. Foi uma festa! Papel metro, piloto, régua somados às pesquisas surgiu o primeiro poema desmontado ‘Esperanças’... Gostei tanto de fazer poema que não parei mais, tudo que me chama a atenção estou desmontando para poema... Pretendo lançar meu livro, só não sei se devo isso a metodologia aplicada na aula ou a Clarice Lispector, pois acabei gostando de ambas...”

Em todas as respostas coletadas é notado que em se tratando de desconstrução linguística de um signo literário, os métodos utilizados por estudantes em diferentes épocas muito se parecem. Primeiro a apropriação do “texto básico” conforme o entrevistado 1 e a partir daí a soma com os resultados das pesquisas feitas a partir desse texto com intuito de ampliar informação. É o que o entrevistado 2 chama de “curiosidade, investigação e desafio”, uma saída do texto para depois retornar a esse texto. Deixando claro que mesmo com a mudança de série discursiva literatura para outra peça teatral, é possível levar o leitor ao texto inicial. E esse mesmo aluno chama a atenção da mudança de sentido ocorrido no conto “Chapeuzinho Vermelho”, fruto de oficina de desconstrução. Vejamos um desses desmontes citados nas entrevistas através do conto “Chapeuzinho Roxinho e a miséria”, mais uma produção de estudantes de educação básica.

Chapeuzinho, sua mãe e a vovozinha moravam em uma favela. Devido a pobreza a garotinha era obrigada a pedir esmola no centro da cidade.

Chapeuzinho, pega a cesta e vai pela rua a fora...

_ Moço, me dá uma esmola!

_ Menina, como é o seu nome?

_ Sarita, mas pode me chamar de Chapeuzinho Roxo.

_ Por quê?

_ Porque fico roxa de fome, mas meu chapéu eu não tiro, nem no calor.

_ Quero que você venda balas para mim, elas são coloridas e divertidas...

- DIVERTIDAS?!!! Elas brincam?

_ Não! Mas possui uma coisa alucinante dentro delas, você vai adorar...

_ E por que seus olhos estão vermelhos?

_ É porque eu chupo muitas balas.

_ E essa boca enorme?

_ Também é para chupar muitas balas.

_ As orelhas também são grandes...

— É para ouvir melhor o som do PERIGO!
— Moço, você pensa que sou besta? Sou pobre, mas não sou boba. O senhor é o LOBO MAU.¹²³

Esse texto remete a fala do entrevistado 5 ao descrever o quanto foi interessante participar de uma oficina, identificando-a como uma “festa” apesar dos poucos recursos tecnológicos disponíveis, apontando os jornais, revistas e televisão. Inegavelmente, a “Chapeuzinho Vermelho” é deslocada de seu local de origem e ganha um outro nome “Chapeuzinho Roxinho” já remetendo o sentido da expressão “roxo de fome” por se tratar de uma garotinha bem pobre.

Uma outra desconstrução é feita com lobo mau, ele deixa de ser aquele animal que ataca velhinha e criança indefesas na floresta e ganha uma forma humana, porém desumaniza-se ao tentar aproveitar-se de uma criança para fins ilícitos: venda das drogas. Em contrapartida a garotinha ingênua não existe no conto criado pelos estudantes, pois ela não se deixa ludibriar e revida: “Moço, pensa que sou besta? Sou pobre, mas não sou boba. O senhor é o LOBO MAU.”

Da mesma forma ocorre com o conto “Chapeuzinho de celular” retirado da mesma fonte, p. 113, o “lobo mau” é um assaltante, disfarçado de motorista que tenta aproveitar-se da ingenuidade da menina ao acompanhá-la até a casa da vovó e lá comete o assalto. A garota usa o celular para avisar a família e pedir socorro. A história termina com a advertência do pai “A sua desobediência poderia ter nos causado sério problema. Você se lembra da historinha do Chapeuzinho Vermelho? Você hoje foi quem encontrou um lobo mau.”

Nos textos apresentados mostram uma modificação de sentido. Em ambos o “lobo” é uma representação do mal que circula na sociedade, seja na figura de um traficante aliciador de menores ou na figura de um assaltante. O significado da palavra “lobo” é a imagem psíquica formada. Barthes (1971, p.46) em consonância com os preceitos lingüísticos defendidos por Saussure afirma:

...o significado não é uma “coisa”, mas uma representação psíquica da “coisa”...O significado só pode ser definido dentro de um processo de significação de uma maneira praticamente tautológica: é este “algo” que quem emprega o signo entende por ele.

¹²³ Conto retirado do livro Arte e manha da nossa língua, 2000, p. 119. Produção de estudantes do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas.

Os entrevistados 4 e 6 mostraram os textos desmontados que mais se identificaram e o porquê. Quando um apresenta o conto “Dona Chica” após todos os percursos narrados de leituras, revela uma satisfação falar da peça teatral que fizeram a partir das pesquisas realizadas para evidenciar outras formas de violências. Por outro lado, o entrevistado 6 aponta o trabalho feito com o conto psicológico de Clarice Lispector, “Uma esperança” como marco para a sua trajetória de escritor. E é mais um entrevistado que utiliza o signo “festa” para descrever as oficinas de desconstrução. É interessante perceber o descaso dado as sugestões de leituras por não se identificar com o texto que está no livro didático, isso bem visível na fala do entrevistado 6, “ confesso que não quis pesquisar nada sobre Clarice, pois achei o texto dela muito bobo...” Para em seguida dizer que ao sentir-se envolvido numa oficina de desmonte pelo prazer de participar e querer ir além: “Gostei tanto de fazer poema que não parei mais, tudo que me chama a atenção estou desmontando para poema... E pretendo lançar meu livro...”

Outra oficina marcante aponta o cinema como responsável pelo sucesso das atividades, tendo o filme “Vidas secas” cujo diretor é Nelson Pereira dos Santos, um dos mais explorados com o desmonte para cordel, charge, grafite, quadrinhos, peça teatral “Zé Ninguém” e crônica “Um mundo cheio de vidas secas”.

Tanto na peça teatral quanto na crônica há um retorno para a literatura. Em “Um mundo cheio de vidas secas”, Fabiano, personagem central do filme, é comparado com um “soldado anônimo” vítima da violência urbana e cada vez mais vai se “coisificando” diante da brutalidade do sistema. E com isso, os estudantes estão familiarizando com a abordagem teórico-metodológica da intersemiose. A crônica foi publicada em 2011 no periódico Perfil, dela resgatamos:

O trabalho é essencial e às vezes a solução para um homem manter a família ou começar a vida responsável como um cidadão. A condição da vida quase sempre é cruel para uns, não possibilitando crescimento para uma parcela da sociedade. Fabiano é um soldado qualquer...ou quem sabe um soldado anônimo.

Ao buscar uma condição ou seguir um roteiro de uma vida estável, homens e mulheres submetem a condições desumanas, miseráveis. Para quê? Sustentar a família, cumprir com o dever de cidadão de bem, e correr atrás da tão sonhada estabilidade financeira.

Normalmente a vida das pessoas que vivem mediocrementemente não faz diferença para a grande maioria. Por quê? Trabalhadoras, o trabalho é para comer, ter onde morar e tentar melhorar as condições dos familiares.

O que fazem essas pessoas? Como se comportam? Muitas vezes olhando o mundo e pedindo para não ter nascido, dormem apenas para sonhar com um carro luxuoso, comidas fartas, roupas de marcas, viagens de final de ano.

Quando acordam, vêem que tudo isso não passou de mais um entre outros sonhos que eles desejam um dia acordar e ter a certeza da realização. Enquanto isso não acontece, “Fabiano” e o “soldado anônimo” continuam vítimas desse mundo cheio de vidas secas.¹²⁴

Ao sair de uma série discursiva cinema e passar para a Peça teatral automaticamente alguns elementos da semiologia são evidenciados nos textos produzidos por estudantes de educação básica: significado, significante, língua e fala. A fala ganha um destaque maior, pois ela precisa ser convincente para atrair o público. Para Barthes (1971, p. 19), fala é um ato físico, fisiológico, psicológico, individual e social. No entanto não tem como separá-la da língua, mesmo sendo a língua a parte social da linguagem porque “não há língua sem fala e não há fala fora da língua”. Barthes também defende a semiologia como ciência infinita tanto na teoria quanto no objeto, pois como “ciência do significante” ela não se esgota e está em constante processo de “deslocação de si mesma”.

Com isso, o texto nada mais é que o produto, resultado de práticas significantes, algo móvel que não agrega significação única. E são justamente essas práticas significantes, que aqui são socializadas, tendo como resultado os textos de estudantes. Escritas aprimoradas e trabalhadas ao longo do ano letivo de forma circular. Uma vez que a socialização se dá em periódicos específicos ou sites, eles servem de estudos para novas escritas.

Mais uma contribuição retirada das entrevistas sobre o processo metodológico das oficinas realizadas, dessa vez o entrevistado diz:

Quando decidimos fazer uma peça teatral, acho que todo o grupo correu para o Wikipédia em busca de alguma coisa que nos ajudasse. E não é que descobrimos ‘teatro é de origem da Grécia Antiga ligada a um deus Dionísio’... rrsrrs Mas, resolvemos baixar cenas de O Pagador de promessas(Dias Gomes) e ai ficou um pouquinho mais fácil. O que pegou foi modificar o sentido do texto sem distanciar do original. Foi legal! Deu trabalho, muitas discussões, mas conseguimos.¹²⁵

Da mesma forma outro estudante egresso (por via e-mail) fez um relato de uma oficina participada em que ocorreu a passagem da série discursiva para outra dentro de uma perspectiva da intersemiose, e conseguimos esse registro:

A oficina foi maravilhosa. Após leitura do livro “Vidas secas” de Graciliano Ramos e após assistirmos ao filme baseado nesta obra, fomos convidados (convocados) a mostrarmos nossa criatividade. Assim, criamos e

¹²⁴ Produção de estudante, grupo A, publicado na revista Perfil, 2011, p.11

¹²⁵ Depoimento de estudante egresso, via e-mail.

dramatizamos uma peça teatral “Zé Ninguém”. Aquele homem sem sonhos, sem desejo, sem perspectiva de mudanças que aceitava tudo. Foi bastante divertido participar desta oficina, pois discutimos acerca da realidade de muitos jovens que deixam de sonhar, por não acreditar que podem fazer a diferença. Assim, se não nos acomodarmos, nem acharmos que não tem mais jeito, podemos deixar de sermos ‘Zés Ninguéns’ e deixaremos nossas vidas menos secas e muito mais floridas.¹²⁶

Quando os estudantes se apropriaram das imagens do cinema através do filme assistido (Vidas secas) e após estudos transformaram a série discursiva cinema para a peça teatral houve uma extrapolação do literário. “Fabiano”, personagem principal, perdera as características de um vaqueiro retirante para representar “Zé”, um ser múltiplo que mesmo ignorado pela sociedade, está presente em situações de desconforto. Uma representação crítica do assalariado que precisa sustentar a família com pouco recurso; um soldado que arrisca diariamente e é invisibilizado pelo sistema e morto na batalha; um desempregado; mendigo; enfim caminheiro que perambula sem ‘ninguém’ valorizar a sua existência.

No texto do entrevistado nota-se o quanto as discussões sobre o filme assistido contribuíram para reflexão da realidade de muitos jovens pobres e acomodados, tratados como “zé ninguém” por não sonharem, não acreditarem na possibilidade de mudança.

Se por um tempo as produções em grupo prevaleceram por conta da “vergonha” de publicar os textos autorais, ultimamente vem surgindo uma geração de estudantes produtores da própria história que não se intimidam em divulgar os textos oriundos de desmontes, discussões e até o escrever por prazer, sem a “convocatória” da disciplina. A autonomia conquistada reflete como uma estudante de Agropecuária/2013 e autora de contos, comédias, dramas, romances e poesias faz para que seus textos sejam circulados. A mesma utiliza-se do espaço cultural e virtual disponibilizado por uma editora para a promoção de novos talentos no campo literário, a jovem escritora publica, conto como esse intitulado “Uma carta para a dor”.

Querida Dor...

Gostaria de falar contigo a respeito daqueles tempos passados, quando andavas à minha espreita. De quando seguravas as minhas mãos e me ajudavas a caminhar pelas escuras e vazias ruas do meu coração.

Lembro-me vividamente de quando me achastes em um canto, sozinha, e me dissestes palavras amargas com doçura. De quando me atrevi a seguir-te e tu me lançaste em uma profunda agonia. Agonia esta que me fazia bem.

Tu me causavas profundas feridas, minha pele ficou rasgada em muitas partes por causa do teu canto de ninar. Meus olhos se fizeram rios por me

¹²⁶ Idem.

incentivares a desistir. Mas, acima de tudo isso, era a ti que eu devia a minha existência.

Digo isso Dona Dor, pois foi por estares ao meu lado que pude esquecer-me de outras amarguras. Contigo eu conseguia deixá-las de lado, conseguia desconsiderar a tristeza ou a decepção.

Sei que estas, que são tuas companheiras, ainda vivem por aí, em busca de novos sofredores.

Porém, tu eras a única que, junto com o desejo de morte trazia o alívio para se querer viver mais um pouco.

E foi assim que fizeste a mim. Com tuas fortes garras, com teus gritos de desespero, me motivaste à vida. E, depois de ter buscado outros companheiros à parte de ti, percebi que podia me aliviar de um outro modo. Um modo que me traria satisfação.

Agora ando com a felicidade e o contentamento. Eles dizem serem teus irmão, mas são diferentes de ti. São o teu total oposto, tudo que nunca fostes. Eles me fazem bem. Não que tu não fazias. O teu bem porém, era mau. O bem destes é bem.

Mesmo assim, nunca me esquecerei de ti. Tu me fizeste passar tempos e tempos pensando no que fazer de minha vida. Por tua causa renasci, revivi, sou nova por dentro e por fora. Só me restaram as cicatrizes de teus cuidados. Essas nunca saem, como se já fizessem parte de mim. Talvez isso dê para que eu seja sempre grata por teu esforço.

E é por isso que te escrevo hoje, para que te lembres de mim. Pois eu, com este agradecimento cortante, envio-lhe minhas lembranças.

De quem machucastes profundamente... com amor.¹²⁷

Textos como esses apresentados revelam os benefícios das leituras, pesquisas, oficinas, escritas na vida de cada um dos envolvidos diretamente com a arte de desmontar, desconstruir para surpreender, inquietar. São muitos textos produzidos. Maior, no entanto, é a satisfação dos autores com suas respectivas obras. Se desconhecíamos as habilidades de escritas, cada vez mais essas habilidades são evocadas de diferentes formas. Quem sabe com o avanço dos estudos poderemos encontrar mais modos de combatermos e anularmos os dispositivos de poder, através de livros publicados por esses estudantes? Ao apropriarem-se do romance *Iracema*, José de Alencar, os estudantes deram alguns passos para a multiplicação de formas de propagação da obra. É o que apresenta o tópico seguinte.

3.2.1 Era uma vez... um romance *Iracema*

A apropriação da semiótica para desmontagem do signo em defesa de uma política cultural inovadora e libertária defendida por Santos (2012), Deleuze e Guattari (1977), Derrida (2001) e

¹²⁷ Conto “Uma carta para dor” disponível www.protexto.com.br, acesso em 30/12/2013. Atribuído a “Paloma P. O.”

Barthes (2001) se faz necessária para a política educacional vigente. Os livros didáticos analisados ainda não se desprenderam das repetições e da falta de conexão entre o texto verbal e o não-verbal. O professor de literatura brasileira que aceita as instruções dos manuais como cartilha a ser seguida, transforma o espaço de sala de aula, propício para a criação, em local de reprodução técnica.

Para Barthes (2001), o poder além de político é ideológico e multifacetado, ao anular um, surgem novas formas de poder, pluralizando-se nos espaços sociais. Qual poder tem a literatura? As aulas engendradas nos manuais pedagógicos não são armas poderosas para anulação da existência dos estudantes quando negados a capacidade de criação? Barthes afirma:

Chamo de discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder, mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra os poderes, e não é um combate fácil, pois plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali: nunca perece: façam uma revolução para destruí-lo ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas¹²⁸.

O livro *Iracema, a virgem dos lábios de mel*¹²⁹, de José de Alencar, foi um dos primeiros a ser desmontado e registrado na revista Perfil/2007. Aos poucos, a narrativa do século XIX, período cronologicamente apontado nos manuais didáticos como Romantismo, ganha outros contornos, passando de uma série para outra. Os primeiros olhares e interpretações são para a obra literária, apesar das reclamações por conta da “linguagem difícil”, “palavras indígenas” no contexto e “barreiras temporais e culturais”.

Como o propósito era sanar ou diminuir essas barreiras, todas as “queixas ouvidas” serviram de incentivos para desmontá-las. Como? O primeiro passo seria criar resumos, mostrando as impressões deixadas. Eis o registro encontrado:

A obra literária escrita por José de Alencar de característica indianista retrata uma história de amor vivida por Martin um português e Iracema uma índia Tabajara. Este romance surgiu por meio que à primeira vista, mas devido a diferença étnica pelo fato da índia ser filha do pajé da tribo e por Arapuá (um índio) gostar dela, a única solução para o casal ficar junto seria uma fuga. Ajudados por Poti (um índio Potiguara) Martin e Iracema fogem para a

¹²⁸ BARTHES, 2001, op.cit., p. 11-12

¹²⁹ A história romântica de Iracema trata-se de uma narrativa do século XIX, que explora a união de uma índia da tribo Tabajara, guardiã da tribo, por esconder o segredo da jurema, apaixonou-se por um guerreiro branco (Martim) e ao revelar o segredo da tribo pôe em risco todo seu povo. A índia foge com o guerreiro, mas a união dura pouco, pois as ausências constantes do parceiro, juntamente com a solidão e distancia da sua tribo, doença do branco para o índio, Iracema perde o entusiasmo pela vida, ao nascer o primeiro filho do casal, ela passa a criança para Martim e falece. Sendo enterrada à beira da praia, próximo a um coqueiro, local posteriormente, batizado Ceará.

tribo desse seu amigo. A fuga de Iracema faz com que uma nova batalha seja travada entre os tabajaras e os potiguaras, pois Arapuá queria se vingar de Martin por roubar a sua amada. Com o passar do tempo Martin foi sentido falta das pessoas que ele deixou em sua pátria e acaba se distanciando de Iracema que por sua vez já estava grávida e acaba sofrendo muito por desprezo do seu amado, então ela decide morrer após a entrega de seu filho a Martin. Caubi, irmão de Iracema, fica sabendo da ausência de Martin decide visitá-la para dizer que ela havia sido perdoada. Caubi acaba conhecendo seu sobrinho e prometendo visitas. Justo no período em que Martin não está na aldeia, Iracema dá a luz, seu filho nomeado Moacir. Iracema não suportou mais viver devido ao sofrimento, ela falece após entregar seu filho a Martin. Iracema foi enterrada num pé de coqueiro á beira da praia, com o passar do tempo o local foi batizado de Ceará.¹³⁰

Não trilharemos pelo viés da análise de discurso, nem muito menos apontaremos as possíveis falhas nos textos apresentados nos cadernos analisados, mas unicamente apresentar as múltiplas possibilidades de leituras, produções alicerçados pela intersemiose, defendida por Barthes. No entanto, vale ressaltar que o “roubar a amada” e “ela (Iracema) decide morrer após entregar seu filho a Martin” já passou por uma série de desconstruções ao longo desses anos. Porém, o resumo apresenta em poucas palavras o assunto central do romance de Alencar.

Inegavelmente cada vez mais aumentam a procura pelos textos mais curtos, imagéticos e atrativos. É preciso provocar uma mudança na prática pedagógica para atrair a atenção e despertar o interesse do leitor pelo livro. Táticas inventivas são implementadas, empoderando grupos até então vistos como “fracos”, Certeau(1998) diz acerca das táticas,

...tática é a arte do fraco(...) sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.¹³¹

Além do resumo, catalogamos também o romance em outras séries, dessa vez utilizando-se dos textos humorísticos, em forma de tira humorística intitulada “Bate-papo com Iracema” (fig 13) e história em quadrinhos (fig. 14). Nota-se através da tira, uma linguagem contemporânea do romance, uma vez que a personagem Iracema representada, encontra-se conectada às redes sociais relatado sua história para o mundo globalizado. É possível arriscar como os estudantes-artistas utilizam-se das forças da literatura, na arte da representação, da imitação da realidade. Força essa, defendida por Barthes(2001) como a *mimesis*.

¹³⁰ Estudante de Ensino Médio, grupo “A” texto publicado na revista Perfil, 2007, p. 9

¹³¹ CERTEAU, 1998, op. cit., p. 101

A literatura tem o real como a captura. Pensando no agora, é comum jovens relatarem seus problemas, sua vida e ações nas redes sócias, sem pensarem nos riscos que essa exposição do privado poderá trazer.



Figura 13

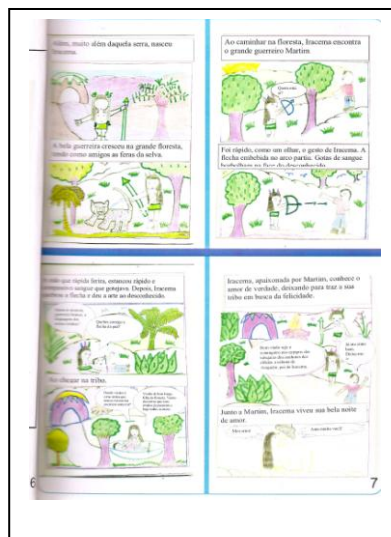


Figura 14

Por questão de visualização da imagem, o discurso da tira estará transcrito abaixo, no entanto as imagens revelam uma índia seminua, grávida em frente a um computador estabelecendo esse diálogo:

- _ Tigrão da CAM, Fala para índia: Boa noite, anjo. TC de onde?
- _ Não. Sou índia mesmo. Tc do Brasil.
- _ E de que lugar vc é minha índia?
- _ Da mata e eu já sou casada...
- _ Hum...Como???
- _ Eu fugi para casar com um branco, abandonei a tribo a qual era sacerdotisa.
- _ Isso é amor, minha índia. E ele deve amar muito tbm!
- _ Aff!!! Minha tribo caiu em desgraça. E ele foi guerrear. Agora estou só e grávida.¹³²

Utilizando-se do humor, característica da tira, os estudantes-artistas resgatam o abandono de Iracema, personagem central do romance que leva o mesmo título e mesmo estando “conectada”, continua solitária e grávida. Assim, o romance vai perdendo a característica através das desconstruções feitas, sem, no entanto, perder o conteúdo explorado

¹³² Produção de estudantes de Ensino Médio, Revista Perfil, 2007, p. 9

na narrativa original. Assim como os apresentados, há registros na revista em destaque de notícias sobre “A fuga de Iracema” na página 08, mas na página 10 “Sociedade”, esse assunto é abordado com as seguintes características:

Foge da tribo Tabajara a índia Iracema juntamente com o branco Martin para a tribo Potiguara. Para então tentarem ter uma vida de marido e mulher como eles queriam. Este é o primeiro caso confiscado de uma índia que renuncia a sua tribo para poder tentar uma vida fora.¹³³

Chama-nos a atenção a página “Sociedade” criada na revista analisada. Além do desmonte com o romance Iracema, traz também outras manchetes: “Houve ou não traição?” para abordar o caso Capitu do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; “O enterro de Brás Cubas”- clara referência ao livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, também de autoria de Machado de Assis; “Incêndio no cortiço”, “Casamento de João Romão” e “A dança de Rita Baiana” todos evidenciando aspectos do romance *O cortiço*, de Aluisio de Azevedo. Isso revela uma quantidade significativa de romances que vem sendo desmontados ao longo dos anos letivos.

Da mesma forma que a tira humorística não se prendeu apenas ao romance de Iracema, pois no mesmo exemplar analisado há uma tira intitulada “Pombinha conta...” evidenciando a questão da homossexualidade da personagem. Vale lembrar que “Pombinha” é uma personagem do romance “O cortiço” que desiste da vida conjugal heterossexual, para uma relação homossexual com a madrinha. E essa opção feita pela personagem é capturada em gênero textual humorístico, apresentado na página 11 da revista Perfil/2007.

Ao praticar a proposta de Barthes, percebe-se o quanto um texto literário possibilita em suas arestas as linhas de fuga para novos significados e consequentemente diferentes conhecimentos são articulados em consonância com os modos de produzir cada um deles. Com isso, as forças de liberdade se cruzam e potencializam-se saberes, representações e sentidos.

3.2.2 De Vidas secas para outras vidas: indo além do livro didático

A literatura-arte empodera estudantes ao sair por vias de escapes e modificar o sistema. Ao observar a tipologia textual, nem o maior dos otimistas encontrará um horóscopo, anedota, grafite como gêneros textuais literários ou alusivos a literatura. No entanto ao romper com as estruturas

¹³³ Aluno-artista. Fuga de Iracema. Sociedade. In: Perfil: revista literária do Lauro Farani/2007 op. cit., p. 10

fixas, derrubar esses muros que anulam criatividade e potência de estudantes, conseguimos apresentar uma vontade de ir além ao “bê a bá” literário apresentado nos livros didáticos estudados.

Talvez, estaríamos proporcionando uma “anti-arte” a partir da arte literária, mas uma “anti-arte” fundamentada na intersemiótica e capaz de refletir sobre a própria condição de valorizar a existência humana. Consequentemente, estudantes invadem os signos lingüísticos e reescrevem a literatura.

Indo além do texto apresentado nos livros didáticos que remetem a história da família de retirantes, tendo como personagens centrais Fabiano, um vaqueiro, sua esposa a Sinha Vitória e os dois filhos, sem identidades definidas. Ao longo desse texto foi mostrado como os estudantes do grupo “A” transitaram nesta obra literária explorando os diversos saberes emanados da literatura. No entanto, ao promover o abraço com a intersemiose multiplicando os sentidos e séries, podemos perceber na tela “vidas secas” transmutada para o grafite “Vidas secas” (fig 15), como houve uma captação de significados para esses estudantes. Eles visualizaram além do escrito, criando e combinando cores e exibindo nos muros as suas artes



Figura 15

Além dos grafites e anúncios criativos já apresentados anteriormente, as produções de estudantes de educação básica romperam os muros escolares através do periódico literário Perfil. Aqui mais um exemplo de desmontagem que rompe para as linhas de fugas. Anúncio coletado da página 56, da revista Perfil\2008. Vale ressaltar que nesta edição com a presença efetiva de vários professores, a revista contou com 68 páginas, mais que o dobro da edição do ano anterior, que teve o seu primeiro exemplar com 30 páginas.

Fabiano e família procuram emprego em fazenda, ele vaqueiro. A única condição da mulher Sinha Vitória é que tenha uma cama de couro para se deitar. Maiores informações com Graciliano Ramos.¹³⁴

No grafite apresentado ocorre uma espécie de síntese da obra de Graciliano Ramos, há predominância de um ambiente seco, sem árvores e a representação da família do vaqueiro Fabiano (personagem do livro desmontado) sem esquecer da cadela “Baleia” mais adiante, como se liderasse o grupo. Vale lembrar a posição de “Baleia” na história de *Vidas secas*, humanizada e registrada com um nome esse animal é destacado na narrativa. Atrás do morro surge o sol como figura marcante e numa cor amarela destoado do cenário. Uma outra imagem capturada diz respeito a estrada que se estende desértica sem mostrar nenhuma perspectivas de melhora para a família de retirantes.

Por outro lado o anúncio criativo chama a atenção para a pequenez dos sonhos de uma retirante, neste caso a “Sinha Vitória”, personagem do romance *Vidas secas*. Um sonho que se manifesta no desejo de ter uma “cama de couro”. Outro ponto interessante no anúncio é chamar a atenção do leitor onde ele poderá conferir as informações ali apresentadas. E é assim que os romances são desconstruídos e à medida que essas desconstruções estão saindo do campo literário, após passarem por outros campos, retornarão através dos contos, crônicas, poesias autorais de estudantes de educação básica.

3.3 LAÇOS CULTURAIS E ENLACES ARTÍSTICOS NAS PRODUÇÕES CRIATIVAS DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Ao longo desse texto, a preocupação maior foi apresentar, como meta da pesquisa feita sob o viés da Crítica Cultural, o que os estudantes de educação básica fazem com a literatura. E buscamos obter respostas almejadas, com base na hipótese da prática de desmonte literário acontecer por questão de afirmação de identidade ou negação às propostas curriculares que não primam pela valorização da existência. O que foi percebido?

Em diferentes proporções, notamos que a ação de desmontar o texto literário funciona como complementação do livro didático. As obras que deram margens para as desconstruções continuam sendo lidas e interpretadas, pois os desmontes sem as releituras poderão perder

¹³⁴ Anuncio criativo de estudantes do grupo A, retirado da revista Perfil, 2008, p. 58

uma das funções prioritárias: atrair público para o texto literário para inserção no processo de formação de leitores e consequentemente, escritores de textos literários.

Com base nos textos apresentados, afirmamos que cada vez mais os estudantes da educação básica estão produzindo literatura. Em “Dedinho de prosa”, coletânea de contos autorais com temas diversos, textos frutos dos desmontes literários, fica claro o retorno à literatura. Se a intenção de promover a desconstrução do signo foi para inserir estudantes no mundo mágico da literatura, essa meta está sendo cumprida. Eles estão lendo, interpretando, desmontando, socializando as produções grupais e agora investindo nas produções autorais, sem perder o contato com as obras literárias disponíveis no ambiente de estudo. Contos curtos estão sendo feitos e divulgados nas redes sociais, sites culturais, e este é mais um que nos foi fornecido.

Certo dia quando observava o tempo, me deparei com um fato muito intrigante. Dois animais estavam unidos por uma corda. Na verdade eles estavam amarrados em sua própria “burrice” e divididos pela falta de união que ali era extremamente presente.

Com fome eles se debatiam em um milharal, procurando se alimentar, mas a falta de comunicação entre eles era uma vilã, pois, eles tentavam chegar até o alimento, mas não conseguiram; o motivo: é claro, havia uma corda amarrando seus pescoços e também pelo fato deles decidirem comer em lados opostos... _ Impossível, assim ninguém chega a lugar algum.

Por alguns instantes eles pensaram e, perceberam que a única solução sempre esteve diante de seus olhos. Deveriam se unir e comer onde o outro fosse comer.

E dessa forma eles fizeram e eis que deu certo. Desse jeito, depois de “quebrarem a cara” perceberam que só unidos eles conseguiriam matar a sua fome, com a “força” da união.¹³⁵

Assim como as prosas, os poemas desmontados retornam, às vezes, para as mãos de novos leitores que nunca tiveram contato com o texto que deu origem a desconstrução. E em vez de um texto, os estudantes tem posse de muito mais, pois o texto e os pretextos servem de instrumentos de interpretação e de diálogos. Para Cruz (2012),

Em se tratando de uma Pedagogia literária, ela se tornará sociointeracionista no instante em que a sala de aula for compreendida como lugar de voz. As vozes dos atores sociais envolvidos no processo de escolarização ecoam no momento em que se encontra com a palavra. Nesse sentido a sala de aula terá o texto literário como pretexto para produzir discussões e inferências,

¹³⁵ Conto “Vivendo e aprendendo”, produção de estudante de Ensino Médio do turno noturno, 2013.

pois a leitura e a escrita são meios de deter o tempo crônico e veloz que nos arrasta.¹³⁶

Imitando “Dedinho de prosa”, a “Arte poética” coletânea de poesias também chamou a nossa atenção. E mais uma vez fica evidente, o quanto esses artistas estão próximos da literatura. E quem sabe poderemos num futuro próximo comemorar a publicação de uma obra de um desses artistas como fruto desse projeto de desmonte?

Do mesmo modo, socializaremos a poesia “Meu eu e você _ Odeio” como resultado dessa inserção dos artistas no mundo literário, agora como autores de textos que mais tarde poderão ser também desmontados.

Eu odeio teu sorriso
O teu jeito de me olhar
Eu odeio quando você me fala,
Coisas sem pensar.
Você pode até pensar que não vai me magoar
Mas acredite. Palavras podem machucar.

Eu odeio o seu sorriso
Eu odeio amar você
Mas como posso te odiar
Se minha vida é você?

Eu vivo a te esperar
Meu destino é você
Vivo a espera de um abraço
Que posso nunca ter.

Eu odeio o teu sorriso
Eu odeio te amar
Odeio o modo que fala comigo
Odeio mais ainda não conseguir de odiar.

Odeio não te ter por perto
E o fato de não me ligar
Você finge que me ama
Eu finjo acreditar
Mas talvez você não saiba
O significado de amar
Pois na vida tudo passa,
Mas eu vou estar aqui
Sempre a te esperar.

Odeio... chorar de saudade
E você nem se importar

¹³⁶ CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: Eduneb, 2012. p. 98

Odeio mais ainda o fato
De para você eu nada significar.

Como o amor pode doer
Tanto assim
Está matando tudo em mim
Não consigo te esquecer
Eu me odeio por te amar
Eu me odeio por chorar
Eu te odeio por te amar
E pelo simples fato de não poder te odiar.¹³⁷

3.3.1 A Cultura sob o viés da Crítica Cultural

...as identidades culturais não são sistemas fechados, como queria certa orientação estruturalista, mas sim um colar de significações renováveis pela cristalização de cada nova síntese...¹³⁸

Segundo Marilena Chauí(2007), cultura vem do verbo latino *colere*, significado de cultivo, cuidado. Inicialmente esse termo era utilizado ao se referir “cuidar de criança”, “cultivar algo ligado a agricultura”. No entanto, com o passar do tempo o sentido foi se modificando e incorporando outros significados, como ocorreu no século XVIII, onde o conceito de cultura era praticamente um padrão para nomear a civilização da sociedade.

Thompson(1998)¹³⁹ discute o quanto o termo cultura ganhou várias conotações no decorrer da história. Apontando o surgimento da Antropologia para “especificar”, “organizar” e “enfocar” o conceito de cultura. Essa “organização” da cultura reflete todo um sistema fechado, estruturalmente arrumado. Para o trabalho aqui desenvolvido os caminhos devem seguir em direções opostas, porque nos livros didáticos essa organização já se configura há muito tempo. Os textos e autores da série “A” não aparecem na série “B”, não dialogam uns com outros, como se fosse produções estanques e não moventes.

É imprescindível perceber o quanto as escolas públicas precisam caminhar para renovação cultural, romper as séries existentes para que novas séries surjam. E as brechas estão justamente nas implementações de projetos AVE- Artes Visuais Estudantis, TAL – Tempo de Arte Literária e FACE – Festival Anual da Canção Estudantil que darão às escolas outros rumos, valorizando as singularidades e criatividade dos estudantes. (Santos, 2011), Se nas frestas e tocas de todos os simulacros e falsificações sobre quem de fato e de direito pode usufruir

¹³⁷ Poema produzido em sala de aula, fruto de oficina com os heterônimos de Fernando Pessoa

¹³⁸ CHAUI, Marilena. Cultura e Democracia. Coleção Cultura o que é. Salvador: Secretaria de Cultura da Bahia. 2007.p.15

¹³⁹ THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

de toda a riqueza material existente, existem um mercado cultural anônimo, uma ética e uma estética socialista surda, mil formas e coexistência de todas as temporalidades, e, pipocando em todos os lugares, formas de guerrilhas como em jogos de vídeo game, então está na hora de começarmos a socializar essas técnicas de arrombamentos da lógica cultural do capitalismo tardio, com a afirmação de uma política pública cultural heterotópica.¹⁴⁰

Qual a política cultural presente nas aulas de literatura? Quais os laços ou amarras político-culturais para fomentar as propostas criativas e fazê-las circular em diferentes espaços? Será que a literatura-arte vem reinventando esse presente?

Walter Benjamin(1994) com os processos de modernização no século XIX, questiona a técnica, esse uso intensivo das novas tecnologias; pois para ele o presente cria e inventa passado. E esse presente é formado com os *ágoras*, tornando-se com isso impossível a história recontar como o fato aconteceu.

Se recorrermos às aulas de literatura em um passado não tão distante, é possível perceber a centralização dos conteúdos nas escolas literárias com uma linearidade precisa. No primeiro momento barroco e arcadismo, segundo romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo e simbolismo e na terceira e última etapa do ensino médio, encontramos o modernismo e as tendências contemporâneas. Como essa divisão funciona(va)? Os textos eram selecionados conforme essa ordem pré-estabelecida. Por que não modificar o discurso que está na ordem das leis? Inegavelmente haverá uma interdição ao discurso diferente do habitual.

Ao pensar na Crítica Cultural uma das primeiras inquietações é refletir sobre a cultura defendida, o porquê e para quem ela é interessante. E se os caminhos percorridos levam a grupos que lutam pela afirmação de uma identidade, tomemos as contribuições de Guattari e Rolnik(2005) sobre a busca pela identidade. Os autores chamam-nos a atenção para as anulações de singularidades proporcionadas pelas máquinas de controle e mídias que cerceiam reações criativas. E deixam questões como: “será que identidade é ter uma etiqueta, é obedecer ao código de uma microsociedade?” As máquinas de controle existem e muitos nem se dão conta e como usamos as singularidades, sejam nos campos material ou subjetivo, se somos empurrados para adoção dos modelos culturais midiáticos?

¹⁴⁰ SANTOS, Osmar Moreira dos. *Núcleo de cultura nas escolas: outro modo de praticar política cultural na Bahia*. IN: SANTOS, Cosme Batista dos. GARCIA, Paulo Cesar Souza. SEIDEL, Roberto Henrique(orgs.) *Crítica Cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p 43-4.

Para Malinowski(1975)¹⁴¹, “a cultura é um conjunto integral de instituições em parte autônoma em parte coordenadas”. As controvérsias existem em se tratando de uma definição consensual para a cultura. Há quem defenda como “modo de vida global de um povo”, “uma forma de pensar, sentir e acreditar”, “desenvolvimento intelectual e espiritual”, mas a partir do século XIX com o surgimento da Antropologia, os conceitos vão sendo mais precisos, saindo das amarras etnocêntricas.

Como cultivar uma literatura arte numa sociedade pós-moderna em que vivemos? Será que a arte como uma representação cultural tem sido bem representada? Em tempos de capitalismo tardio, os sobreviventes das “quebras” anunciadas no final da década de 50 e início de 60 tem convivido com um momento espetacular no campo das artes. Apesar das propagações da “falta de profundidade”, “fragmentação de conteúdos”, “cultura de imagem” algo precisa ser reconhecido, cada vez mais esse campo de forças abrem espaços para a inovação, criatividade e ressignificação.

Ao repensar o que se chama de arte, deslocar o signo lingüístico e refletir sobre a quem a arte está servindo e por que, faz um esvaziamento de significados sem fetichização. Como defendemos uma literatura arte, mostrando que os prontuários de alguns manuais didáticos são construções arbitrárias se seguirem os passo-a-passo.

A quem interessa um ensino de literatura que não incentiva a formação de leitor? Os leitores podem e devem construir a sua fratria. Esses jovens consumidores poderão transformar em produtores com suas respostas criativas dadas aos textos literários. E são de grupos que por muito tempo viveram marginalizados, anulados pela mídia, hoje estão ocupando esses espaços, tornando-se sujeitos dos discursos. E nas músicas criadas por variados grupos de diferentes classes sociais e idades temos essa confirmação. E nas escolas muitos desses artistas estão anônimos, falta fomentar para que essas produções apareçam. Transformar a escola num espaço intercultural, afinal, como muito bem define Seidel (2011, p.4),

...Não é possível derrubar a escola, depredando-a, desrespeitando o profissional da educação... carece de a refundarmos como um local de trocas, respeito, de intercâmbios, como um local de uma festa intercultural.¹⁴²

¹⁴¹ MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Caps . I, IV, VII, X In: Uma teoria científica da cultura. RJ: Zahar Editores, 1975, aqui p. 46.

¹⁴² SEIDEL, Roberto Henrique. Crítica e mal estar. In: Heterotopia: reparações – dramatizando ordens de despejo lingüístico, cultural e territorial. Ano 3, n 4. UNEB/ Campus II Alagoinhas: Programa de Crítica Cultural, dez/2011.p 8

Ao apropriarmos do discurso de Seidel sobre a atuação da crítica no âmbito de diferentes instituições, sentimos como os espaços precisam ser fortalecidos. A escola precisa ser redescoberta, professores e estudantes precisam ser cativados pela escola pública, para tal há uma urgência de ações que os respeitem, valorizem e acolham os membros desses espaços. Só na troca mútua, a identidade da escola poderá ser encontrada e afirmada.

Defendemos uma arte que valorize a existência, respeite as diferenças e que faça o outro refletir a serviço de quem ela está sendo feita, lida, desmontada. Por isso que chamamos as produções dos estudantes de “literatura-arte”, ao percebermos como essas produções criativas promovem autonomia, libertação, além de criar a sensação de prazer e desejo de potencializar sem se deixar capturar pelas amarras dos sistemas. Como defende Freire (1991),

...toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando aprende, outro que aprendendo, ensina, daí seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.¹⁴³

Os grupos envolvidos no processo da revista sentem-se empoderados com as produções sendo expostas, criam-se de certa forma, uma fratria,¹⁴⁴ irmanados lutam para o sucesso e conquista de outros leitores para o texto. Um avanço detectado no decorrer dessa pesquisa, diz respeito ao comportamento leitor totalmente alterado do ano de início dos registros ao ano em curso. Mudança essa que beneficia as margens da literatura, pois cada vez mais ela ganha mais escritores e leitores.

¹⁴³ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Sabotagem. Digitalização. 1996 p 41

¹⁴⁴ KEHL, Maria Rita. A fratria órfã: conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o período passado em debruçar sobre os materiais coletados, sejam os livros didáticos, os cadernos literários, projetos pedagógicos e estruturantes e na reta final, as entrevistas abertas com depoimentos de estudantes que já participaram de oficinas de desmontes literários, o que é possível afirmar acerca das produções oriundas das leituras literárias da educação básica?

Primeiro vale ressaltar que o propósito da pesquisa foi apresentar o que os estudantes fazem com a literatura, como e com que intenção a desconstrução do signo literário acontece. Para tal, a nossa hipótese trouxe a seguinte inquietação: seria a vontade de potência dos estudantes em assimilar e desmontar a literatura uma questão de afirmação de identidade ou negação da literatura imposta de uma escola que não se preocupa com a valorização da existência?

Ao chegarmos aqui, diante dos resultados encontrados, percebemos que os dois livros didáticos utilizados no período demarcado para estudos, não atendem o propósito de atrair leitores para os textos divulgados. Os resumos ficam restritos às interpretações, enquanto a arte exposta em um dos livros analisados, fecha-se para o autor e período histórico, sendo que a pintura em tela não faz relação explícita com o texto literário apresentado, transformando-a em mero instrumento de adorno.

Esse pensamento condiz com os dados coletados e interpretados durante o tempo da pesquisa com a ratificação de estudantes de 1º série de Ensino Médio, onde através de textos escritos, contribuíram numa espécie de desabafo, sobre o tipo de relação firmada com o livro didático de língua portuguesa. As impressões desse público que está iniciando o ensino médio foram esclarecedoras. Confira: “...às vezes achamos a leitura chata ou que ela não tem importância e esse pensamento é resultado das migalhas que o governo nos oferece para nos manter alienados...” . Numa clara alusão a falta de recursos para promoção da leitura, pois a mesma estudante aborda o pouco investimento na área educacional contribuindo com isso para a formação de “analfabetos funcionais” e concluindo seu argumento exaltando a leitura, a criatividade e as práticas de ações singulares através de “... E a nossas melhores armas é a leitura, através dela vamos além do ‘pão e circo’ que nos oferecem”.

Outro ponto observado, foi a importância da primeira revista criada por estudantes de educação básica do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, no município de Iaçú, representados na pesquisa como artista do grupo “A” para a formação de leitores de literatura.

Percebemos que a *Perfil* foi além da interdisciplinaridade, pois incentivou e atraiu leitores de diferentes idades, séries, cursos para os textos literários. A primeira edição/2007 (30 exemplares) com apenas uma turma envolvida, conseguiu mobilizar várias áreas de conhecimento. Encontram-se a Biologia nas discussões do exame de DNA acerca da paternidade do filho de Capitu, personagem do romance *Dom Casmurro* (Machado de Assis); Sociologia no estudo dos problemas atuais e a corrupção de João Romão, personagem do romance *O cortiço* (Aluísio Azevedo); Cinema na interpretação de filmes como *Ó pai, ó*; Estudos de gênero ao abordar o papel social das mulheres nos romances *A Viúvina*, *Iracema*, (José de Alencar); Literatura presente em todas as ações de desmontes; Astrologia na produção de horóscopo dos personagens, entre outras.

Desse modo é possível afirmar que desde o primeiro momento da revista literária *Perfil*, a literatura esteve abraçada a outras áreas de conhecimentos, signos e séries discursivas. E um dos registros significantes diz respeito a evolução dos estudantes de diferentes períodos e curso. Se no início do projeto havia resistência em assinar as produções criativas no qual muitos utilizavam apenas o primeiro nome para não serem identificados, na edição de 2011 (150 exemplares vendidos a R\$ 10,00) reconhecemos nos estudantes o orgulho de assinar o que se produz. E cada vez mais utilizam-se as tecnologias digitais para fazer circular essas produções autorais, apresentando com isso, uma autonomia peculiar.

Assim, estudantes de educação básica firmam identidades através dos próprios textos. Se havia uma negação inicial, hoje prevalece um orgulho de ser autor(a) e o prazer de ser lido pelo outro. Primamos em realizar uma pesquisa qualitativa que passou por algumas etapas, tendo como foco socializar os textos literários desmontados e registrados nos cadernos literários produzidos por estudantes de educação básica. Da pesquisa-ação alicerçada pela intersemiose e utilizando-se do método do desmonte, esses estudos foram sendo realizados.

Ao longo do caminho, não só as revistas literárias serviram de estudos, mas as publicações dos estudantes em sites culturais e blogs complementaram o *corpus* da pesquisa, mesmo porque pesquisador e pesquisados foram além do que as instituições educacionais oferecem. Os periódicos foram os instrumentos pioneiros de incentivos à prática da leitura literária. A força de liberdade usada para “falsear a linguagem” através da literatura, (graças as oficinas de leituras e escritas, sob o viés teórico-metodológico da intersemiose) se expandiu. Para alguns participantes da pesquisa a literatura faz parte da vida, tornaram-se escritores de textos ficcionais. E a distância entre o texto e o leitor gradativamente se esvai.

Se iniciamos a pesquisa enfatizando a importância da *semiosis* força da liberdade da literatura defendida por Barthes, que responde pela multiplicidade dos sentidos, chegamos ao final conscientes da presença da *mimesis* também nas produções inventivas de estudantes. Em “Uma carta para dor”, é exemplo de como o real vem representado no texto, de certa forma com intuito de retornar a literatura após passear pelo teatro e cinema. Um texto que surgiu após a leitura do poema *A rosa de Hiroshima* (Vinícius de Moraes) com o propósito de resposta e uma desconstrução que foi além do signo lingüístico “dor”. Texto, como diz Barthes, é produto de ações significantes.

Almejamos que os resultados aqui apresentados possam abrir um leque para novos estudos do ensino da literatura. Uma literatura que investirá na vontade de potência dos estudantes. Uma literatura capaz de brindar à existência da vida mesmo com textos cheirando a “mofo” e “sem graça”, conforme os primeiros depoimentos dos estudantes-artistas. No próprio ambiente escolar os cânones trabalhados poderão ganhar outros adjetivos e perderem essa conotação pejorativa dada pelos estudantes que desconheciam a importância da leitura para a própria formação.

Em nenhum momento há uma intenção de ignorar obras consagradas nem deixar de lado o livro didático de língua portuguesa, pois reconhecemos como esses recursos são úteis para o processo de formação do escritor de textos ficcionais. Sem o livro “Vidas secas”, não teríamos o contato com o cinema, com o filme homônimo e conseqüentemente não ocorreriam as oficinas nas quais os desmontes resultaram boa quantidade de novos textos, suscetíveis também a outras desconstruções. O mesmo se diz para outros textos e autores que aparecem com freqüência nos livros didáticos e servem de inspirações para novos leitores e escritores.

A partir do instante que há uma inquietação acerca do que está sendo ensinado, como e por que é preciso ensinar/aprender isso ou aquilo, há uma preocupação com a qualidade da cultura. Quando o primeiro grupo “A” formado, criador da revista literária Perfil, recusou ler os textos do século XIX, foi o primeiro sinal de alerta acerca de como a literatura estava distante do estudante. O grupo “A” estava querendo participar do processo criativo literário, não apenas como objeto do sistema, mas como ser autônomo, capaz de investir numa cultura para libertação.

E foram estudantes críticos de educação básica, grandes responsáveis pelos registros que ousaram reivindicar uma leitura literária libertária e não para o aprisionamento. Por isso, esta pesquisa consolida com as idéias professor Dr. Osmar Moreira Santos que ao conhecer o

projeto, encantou-se por ser um defensor ferrenho das ações singulares para a autonomia cultural.

Ao chegarmos nesta etapa e termos em mãos produções de estudantes publicadas em sites culturais, sentimo-nos contemplados, pois não há mais necessidade de criarmos as linhas de fugas para fazer circular os textos de estudantes de educação básica. Eles já ocuparam os espaços vazios com ações singulares, buscam o facebook ou outros sites de relacionamentos e/ou culturais para publicarem seus textos. É uma mudança de comportamento que marca uma ruptura com a tradição.

Em suma é possível melhorar a qualidade do ensino da literatura, incentivar a leitura literária mesmo com tantas adversidades encontradas nas escolas. Os livros didáticos não devem ser vistos como prontuários, são recursos a mais para a formação do leitor. Mesmo porque, os resultados apresentados nesta pesquisa apontam os estudantes de educação básica capazes em passar de uma série discursiva para outra, mudar de um signo para outro, aproximar o texto do leitor com a multiplicidade de formas para apresentar a literatura. Nada justifica ficarem presos ao livro. Por isso ao apropriarem-se das diferentes linguagens e utilizá-las para fugir dos aprisionamentos literários, brindam-nos com textos criativos autorais e conseqüentemente, criam, combatem e anulam os dispositivos de poder.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1970.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honeslo Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *O sacramento da linguagem: arqueologia do juramento (homo sacerII, 3)* Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2011.
- AMORIM, E. S. A. (org). *Perfil: revista literária do Lauro Farani*. Iaçú: Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, 2007. V. 1
- AMORIM, E. S. A. et al. (orgs) *A Dinâmica em nossa vida: cadernos literários*. Iaçú: Centro Educacional A Dinâmica. 2009. V 1
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Bliskstein, 4ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa: Edições 70, 1974.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone _ Moisés. São Paulo: Cultrix. Pronunciada em 7 de jan/1997. 2001.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ed.SãoPaulo:Brasiliense, 1994. P 165-196.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer 3 ed. Trad. Epharim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. *O especialista em história da leitura*. Artigo Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa> acesso em 22 de fevereiro de 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. Coleção Cultura o que é.Salvador: Secretaria de Cultura da Bahia. 2007
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: Eduneb, 2012. p. 98
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produção Culturais, 1999.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação nas cidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Sabotagem. Digitalização. 1996

GALLO, Sílvio. O professor-artista: Educação de si e a revolução molecular. In: SANTOS, Cosme Batista; GARCIA, Paulo Cezar Souza; SEIDEL, Roberto Henrique; (orgs.) *Crítica Cultura e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUATTARI, Felix. ROLNIK, Suely. *Microfísica. Cartografias Del deseo*. Trad. Florência Gomez. Petrópolis: editora Vozes Ltda, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11 ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004

KEHL, Maria Rita. *A fratria órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d'Água, 2008

LINDOSO, Filipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura/ política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Caps . I, IV, VII, X In: *Uma teoria científica da cultura*. RJ: Zahar Editores, 1975,

NIETZSCHE, F.W. *Vontade de potência I*. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 97, São Paulo: Escala, 2010.

NIETZSCHE, F.W. *Vontade de potência II*. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 98, São Paulo: Escala, 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ensino médio. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC,1999.

SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAHLINS, Marshall. La Pensée Bourgeoise. A sociedade enquanto cultura. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1979. p 185-242

SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Salvador*: Quarteto, 2002.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Um Oswald de bolso: Crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: Quarteto Editora, 2010.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estranha ideia de reparação. In: *Heterotopia: reparações dramatizando ordens de despejo lingüístico, cultural e territorial*. Ano 3, n 4. Dez/2011. UNEB, Campus II, Pós-Crítica. Alagoinhas, 2011.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Alagoinhas: UNEB, /Campus II, 2012b

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*: Salvador: VIII ENECULT, 8 a 10 de agosto de 2012a

SEIDEL, Roberto Henrique. Crítica e mal estar. In: *Heterotopia: reparações – dramatizando ordens de despejo lingüístico, cultural e territorial*. Ano 3, n 4. UNEB/ Campus II Alagoinhas: Programa de Crítica Cultural, dez/2011.p 8

SEIDEL, Roberto Henrique. Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico e intelectual. In: *Recorte: Revista de Linguagem, cultura e discurso*. Ano 5, n 9, jul/dez. 2008.

THOMPSON, John B. Capítulo III. O conceito de cultura. In: *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: vozes. 1995. P 163-215.

WALTER, Roland. *Transferências interculturais: notas sobre transcultura, multicultural, diáspora e encruzilhadas*. Sociopoética. V. 1. 2006

ANEXOS

- 1.Revista “Bocapiu de Ouro” – da DIREC, 18 reconhecendo o valor da PERFIL: revista literária do Lauro Farani
- 2.Receitas para um mundo melhor (produções criativas/ 2008)
- 3.Romantismo em quadrinhos
4. Verso e prosa (desmontagem do Poema Ismália/ 2008)
5. Macunaíma, herói ou bandido? (texto criativo não-verbal/ 2008)
- 6.Romance, conto.. em cordel (textos criativos do ensino fundamental/2009)
7. Resposta à Mário Quintana (Bilhete criativo/2009)
8. Figuras de linguagens no conto (Contribuições de Agropecuária/2009)
9. Horóscopo (da literatura para a astrologia/2007)
10. Moda do Século XIX (Estilo do século XIX/ 2007)
11. Sociedade (Notícias criativas/2007)
12. Chapeuzinho em tempos modernos (desmonte literário de Chapeuzinho Vermelho/ 2000)
13. Reportagem (atualizando o tema do livro Dom Casmurro/2007)
14. Espaço Crítico (Fragmentos da crítica do filme “Ó Paí, ó”/2007)